



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Licenciatura em Ciência Política

Trabalho do Fim do Curso

Licenciando: Glécio Ernestina Massango

Supervisor: Prof. Doutor Salvador Cadete Forquilha

Co-supervisor: Professor Doutor William Nylen

**A volatilidade do Eleitorado do MDM em 2013: estudo do caso da Cidade de
Maputo**

Maputo

2014

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA**

**Volatilidade do eleitorado do MDM em 2013: estudo do caso da cidade de
Maputo**

AUTOR

GLÉCIO ERNESTINA MASSANGO

SUPERVISOR

PROF. DOUTOR SALVADOR CADETE FORQUILHA

CO-SUPERVISOR

PROFESSOR DOUTOR WILLIAM NYLEN

PRESIDENTE DO JÚRI

OPONENTE

Maputo, ____/____/ 2014

Índice

EPÍGRAFE	vi
DECLARAÇÃO DE HONRA	vii
DEDICATÓRIA	viii
AGRADECIMENTOS	ix
ABREVIATURAS	xi
RESUMO	xiii
Capítulo I	14
1. Introdução	14
1.1 Perguntas de pesquisa.....	17
1.2 Hipótese.....	17
1.3 Objectivos.....	17
1.3.1 Geral.....	17
1.3.2 Específicos	18
1.4 Justificativa.....	18
1.4.1 Empírica.....	18
1.4.2 Teórica	18
1.5 Conceitualização	19
1.6 Estrutura do trabalho	20
Capítulo II	21
2 Metodologia	21
2.1 Desenho de Pesquisa	21
2.2 Métodos e Técnicas da pesquisa	22
2.3 Algumas limitações da pesquisa	25
2.4 Precauções	26
Capítulo III	27
3 Quadro teórico	27
3.1 Teorias do voto positivo.....	27
3.1.1 Teoria de identificação/lealdade partidária	27
3.1.2 Teoria de voto de classe.....	29

3.1.3	Efeitos do contexto	31
3.1.4	Voto étnico.....	32
3.1.5	Modelo económico/teoria da escolha racional na explicação do voto.....	32
3.1.6	Voto personalista	34
3.2	Teorias do voto negativo	35
3.2.1	Voto de protesto.....	36
3.2.2	Voto estratégico/tático	37
Capítulo IV	40
4 Breve historial da democracia moçambicana	40
4.1	Institucionalização da democracia multipartidária.....	40
4.2	Surgimento do MDM no cenário político moçambicano.....	43
Capítulo V	47
5 Apresentação dos resultados	47
5.1	Porquê votou a favor do MDM?	48
5.2	Que avaliação os eleitores do MDM fazem da governação no mandato anterior às eleições?	49
5.2.1	Aspectos críticos (negativos) a nível local.....	49
5.2.2	O governo municipal foi também punido pelo desempenho do partido a nível nacional 51	
5.2.3	Influência das questões militares no voto a favor do MDM.....	51
5.2.4	A mudança por que clamam os eleitores do MDM é também associada com aspectos positivos no partido.....	53
5.3	Efeito das lideranças do MDM.....	54
5.4	Que resultado os eleitores esperavam ao votar a favor do MDM?	55
5.5	Que peso os eleitores do MDM acham que o partido tem por onde conversam sobre a política?	57
5.6	Quando é que os eleitores do MDM tomaram a decisão de votar no MDM em 2013?. 57	
5.7	Em quem os eleitores do MDM votavam antes da criação deste partido?.....	58
5.8	Se a RENAMO tivesse concorrido, em quem teriam votado os seus antigos eleitores? 60	
5.9	Existe algum partido no qual os eleitores do MDM nunca votariam?	61
Capítulo VI	63
6 Análise e interpretação dos resultados	63

6.1	Teoria de identificação/lealdade partidária	63
6.2	Teoria de voto de classe	64
6.3	Efeitos do contexto.....	64
6.4	Voto étnico	65
6.5	Modelo económico do voto.....	65
6.5.1	Voto sociotrópico ou pocket book	66
6.6	Voto personalista.....	67
6.7	Teorias do voto negativo	67
6.7.1	Voto de protesto.....	68
6.7.2	Voto táctico/estratégico	71
Capítulo VII		73
7	Considerações finais	73
7.1	Conclusões da pesquisa.....	73
7.2	Outros comentários e hipóteses para futuras pesquisas	76
7.2.1	A questão da fraude percebida pelos eleitores.....	76
7.2.2	Votos em branco	77
7.2.3	Efeitos de campanha eleitoral na deposição do voto negativo	77
7.2.4	A possibilidade de testar a teoria do voto de protesto noutros partidos.....	77
8	Bibliografia	79
8.1	Outros documentos e sites consultados na internet.....	86
8.2	Comunicado	87
8.3	Boletins da Republica.....	87
9	Apêndices	88
9.1	Apêndice 1 – Guião das entrevistas	88
9.2	Apêndice 1 – Quadro ilustrativo do perfil dos entrevistados	90
9.3	Apêndice 2 – Quadro resumo dos resultados das eleições autárquicas de 1998-2013 na Cidade de Maputo.	92
9.4	Apêndice 4 – Quadro dos resultados agregados por distrito municipal nas eleições autárquicas de 2013.....	93

EPÍGRAFE

I may like bananas best, but the one I had yesterday was rotten, so I take an apple (Catt, 1996).

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que o presente trabalho de fim do curso nunca foi apresentado na essência para obtenção de qualquer grau académico e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando citadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei na concepção do mesmo.

Licenciando

(Glécio Ernestina Massango)

Maputo, Outubro de 2014

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Rui Júnior Nhancande e a minha mãe Ernestina Zacarias Massango, por conseguirem encontrar a sua felicidade no sacrifício que fazem por mim.

AGRADECIMENTOS

Tenho consciência de que não é possível enumerar todas as pessoas que merecem os meus agradecimentos, pelo contributo que tiveram na produção deste trabalho. Não obstante, importa destacar nominalmente algumas dessas pessoas, sem com isso pretender subestimar a importância das que não serão incluídas na lista.

Os meus pais (Rui Junior Nhancande e Ernestina Zacarias Massango), que desde o primeiro dia da minha existência no mundo fazem tudo ao seu alcance, e mais alguma coisa, para prover o melhor para mim.

O meu Supervisor Prof. Doutor Salvador Cadete Forquilha e o meu Co-supervisor Professor Doutor William Nylén, que me deram por empréstimo o seu precioso tempo fazendo leitura, comentários, críticas, sugestões e recomendações que aumentaram em grande medida a qualidade deste trabalho. Agradeço igualmente ao Prof. Doutor Sérgio Chichava, por ter me ajudado a descobrir erros que fui cometendo no trabalho e me ajudado a melhorar.

Ao Marlino Eugénio Mubai, pelo seu apoio e encorajamento desde o início da minha carreira estudantil.

Os meus agradecimentos estendem-se para todos os docentes do DPCPAP que me deram a oportunidade de aprender o “abecedário” da Ciência Política durante os quatro anos de estadia na Universidade. Agradeço também a todos os meus colegas dos cursos de Ciência Política e de Administração Pública, com os quais tive a oportunidade de aprender muito.

Fora da academia, importa agradecer o contributo de todos os membros das famílias (no sentido alargado do termo, como é a norma em África) da minha mãe e do meu pai. Agradeço igualmente a bondade da família que me acolheu na cidade de Maputo durante o meu curso. Os meus agradecimentos são extensivos aos meus amigos, que sempre estiveram prontos para dar de si quando solicitados.

Agradeço igualmente aos respondentes, que abdicaram do seu direito constitucional ao segredo do voto e responderam as minhas perguntas.

Sem o contributo individual de cada uma destas pessoas, este trabalho não teria sido possível, ou pelo menos com qualidade e facilidade que teve. Entretanto, é completamente minha a responsabilidade por tudo que nele consta.

Consciente da minha incapacidade para recompensar a cada um de vocês, parafraseio palavras que Rei Darius dirigiu ao profeta Daniel, “peço que o Deus a quem cada um de vocês serve continuamente, vos recompense”¹.

¹ Rei da Babylon. Citação retirada do Livro de Daniel 6, em *Holy Bible, New King James Version*, SCB, 2012.

ABREVIATURAS

ALIMO: Aliança Independente de Moçambique

CINFORTÉCNICA: Jovens Técnicos Portadores de Deficiência de Moçambique

CNE: Comissão Nacional de Eleições (de Moçambique)

FRELIMO: Frente de Libertação de Moçambique

GRM: Grupo de Reflexão para a Mudança

JPC: Juntos Pela Cidade

MDM: Movimento Democrático de Moçambique

MPD: Movimento Popular Democrático

OSISA: Open Society Initiative for Southern Africa

PAHUMO: Partido Humanitário de Moçambique

PALMO: Partido Liberal de Moçambique

PARENA: Partido para a Reconciliação Nacional

PASOMO: Partido da Ampliação Social de Moçambique

PDD: Partido para a Paz, Democracia e Desenvolvimento

PEC-MT: Partido Ecologista Movimento da Terra

PLD: Partido da Liberdade e Desenvolvimento

PPLM: Partido para o Progresso Liberal de Moçambique

PPD: Partido para o Progresso e Democracia

PT: Partido Trabalhista

PVM: Partido dos Verdes de Moçambique

RENAMO: Resistência Nacional de Moçambique

RUMO: Resistência de Unidade Moçambicana

STAE: Secretariado Técnico de Administração Eleitoral

UD: União Democrática

RESUMO

O presente trabalho procura explicar o comportamento dos eleitores que votaram no MDM nas eleições autárquicas de 2013 na cidade de Maputo, com enfoque especial para os que em 2008 tinham idade eleitoral. Tendo em conta que o partido foi fundado no decurso do mandato anterior e todos os demais partidos perderam eleitores de 2008-2013, o estudo parte do pressuposto de que a volatilidade destes eleitores deve-se a sentimentos negativos com relação a um ou mais dos demais partidos políticos (concorrentes em 2013 e/ou em 2008)². Este pressuposto é suportado pela teoria do voto negativo, que subdivide-se em voto de protesto e voto estratégico. Para além destas, foram também testadas teorias enquadradas no voto positivo para explicar a volatilidade destes eleitores.

A pesquisa no terreno confirmou parte significativa da nossa hipótese mas revelou algumas limitações de aplicabilidade destas teorias no caso de estudo. A teoria do voto negativo, no geral, é limitada pelo facto de os eleitores do MDM terem motivações positivas a favor deste partido suficientemente fortes para justificar o seu voto. Se formos por partes, a limitação da teoria do voto de protesto deve-se ao facto de os eleitores mostrarem insatisfação pelo partido no poder por mais de um mandato, e por isso têm a intenção de tirá-lo do poder elegendo o MDM (não apenas chamar atenção/dar aviso). A limitação da teoria do voto estratégico deve-se ao facto de os eleitores que votavam na oposição terem feito uma avaliação negativa do desempenho do partido em que antes votavam, ao mesmo tempo que fizeram uma avaliação positiva do desempenho do MDM, e passaram a ter este último como de primeira preferência.

Palavras-chave: volatilidade eleitoral, voto negativo, voto de protesto, voto estratégico, MDM, FRELIMO, RENAMO, Daviz Simango, David Simango, Venâncio Mondlane.

² Aqui está patente a ideia de voto negativo. Embora seja geralmente depositado contra o partido que é visto como o mais provável vencedor ou os principais partidos como um todo, o facto de a avaliação variar de eleitor para eleitor, impede que mencionemos, a priori, nomes de tais partidos.

Capítulo I

1. Introdução

No dia 20 de Novembro de 2013, decorreram as quartas eleições autárquicas nas cinquenta e três cidades e vilas municipais existentes na República de Moçambique (Acórdão nº 4/CC/2014). Na cidade de Nampula o processo foi anulado devido a constatação de um lapso tipográfico e segurança deficiente no armazenamento dos boletins de voto (ibidem), em que foi excluído o nome da candidata do Partido Humanitário de Moçambique (PAHUMO), Filomena Mutoropa a edil e no lugar de “Partido para a Paz, Democracia e Desenvolvimento”, vinha “Partido Movimento Democrático de Moçambique” para a eleição de membros a assembleia municipal (Hanlon, 2013). Nesta cidade, a eleição foi repetida no dia 1 de Dezembro de 2013, data marcada na 39ª secção ordinária do Concelho de Ministros, através do Decreto nº 58/2013 de 26 de Novembro, sob proposta da CNE (Acórdão nº 4/CC/2014).

O processo foi igualmente anulado pelo Conselho Constitucional no município de Gurúè, devido à constatação de vários tipos de irregularidades em diferentes mesas de voto tais como: (1) falta de assinatura do presidente da mesa no termo da abertura das actas; (2) falta de carimbo no termo de abertura das actas; (3) editais com rasuras no número de votos validamente expressos e em branco ou ainda no número de votantes, mas sem nenhuma ressalva, e; (4) editais com alteração do número total de votos em branco introduzida alegadamente pela Comissão Provincial de Eleições da Zambézia mas sem qualquer deliberação nesse sentido (Acórdão nº 4/CC/2014). Por estes motivos, a eleição foi repetida no dia 8 de Fevereiro de 2014, data marcada pelo Conselho de Ministros sob proposta da Comissão Nacional de Eleições (Acórdão nº 5/CC/2014).

Dez destes municípios³ tiveram as eleições autárquicas pela primeira vez em 2013, em virtude de terem sido promovidos a essa categoria no mesmo ano através da Lei nº11/2013, obedecendo ao gradualismo imposto pela lei 2/97 que anula a lei 3/94 prevendo no lugar dos distritos municipais a criação de autarquias locais de forma gradual (OSISA, 2009: 17, 150-151; Do Rosário, 2011: 57; 2012:302; de Brito, 2008: 5).

³ Nomedamente, vilas de Boane (provincia de Maputo), da Praia do Bilene (Gaza), Quissico (Inhambane), Nhamatanda (Sofala), Sussundenga (Manica), Nhamayábuè (Tete), Maganja da Costa (Zambezia), Malema (Nampula), Chiúre (Cabo Delgado) e Mandimba (Niassa) (Lei nº 11/2013).

O maior partido da oposição, a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), não concorreu nestas eleições por não concordar com a legislação eleitoral⁴ e tinha como sua principal exigência que a composição dos órgãos de administração eleitoral seguisse o princípio de “paridade”. Este consistia em a FRELIMO e a RENAMO terem o mesmo número de membros indicados para aqueles órgãos (Hanlon, 2013), em detrimento do princípio de “representação proporcional” que havia sido aprovado na lei 7/2013 de 22 de Fevereiro. Dos restantes partidos, apenas o Movimento Democrático de Moçambique (MDM), concorreu em todos os municípios para a presidência e assentos nas assembleias ao lado do partido no poder, Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

Este estudo baseia-se nos resultados da cidade de Maputo, onde em 2013 concorreram apenas dois partidos (FRELIMO e MDM) e um grupo de cidadãos eleitores, Juntos Pela Cidade (JPC), para a eleição do presidente e de membros da Assembleia Municipal⁵. A FRELIMO e o seu candidato, David Simango, ganharam uma maioria na assembleia e a presidência do município. O MDM é único partido da oposição que conseguiu eleger representantes à assembleia municipal⁶.

Em termos de abstenção⁷, o município da Cidade de Maputo registou uma evolução decrescente desde as primeiras eleições autárquicas, sendo que pela primeira vez esteve abaixo dos 50% em 2013. Entretanto, a redução da taxa de abstenção de 2008 para 2013 não significa que mais pessoas tenham votado neste último pleito que no anterior, mas sim, porque o número de eleitores inscritos também diminuiu⁸, o que em parte pode ser explicado pela não participação da

⁴ Alegando mesmos motivos, a RENAMO não concorreu nas eleições autárquicas fundadoras de 1998 (Macuane, 2010). Os contornos da não participação da RENAMO neste último processo (de 2013), levaram a contestação da “legalidade da constituição da CNE” e em consequência, a validade dos seus respectivos actos jurídicos por parte da RENAMO e quatro cidadãos que alegaram serem representantes dos partidos PASOMO, PALMO, PPD e PLD, através de recursos interpostos ao Conselho Constitucional. Recursos estes, que foram rejeitados por aquele órgão (Acórdão nº 4/CC/2014).

⁵ Para a eleição de membros na Assembleia Municipal da Cidade de Maputo concorreram também a CIRFORTÉCNICA, o PEC-MT, a ALIMO, o PVM, o PT, PDD, o PARENA, o PPLM e o MPD, mas nenhum deles conseguiu eleger um representante sequer.

⁶ De realçar que a nível desta autarquia, no diz respeito ao contencioso eleitoral concernente às fases de votação e do apuramento dos resultados eleitorais, o MDM submeteu um recurso ao Conselho Constitucional, que foi rejeitado, sob o fundamento de não observância de certos princípios jurídicos (Acórdão nº 4/CC/2014), o que alias tem sido a norma em Moçambique, por parte deste órgão e do anterior Tribuna Constitucional, revelando deficiências estruturais do sistema para reverter situações anómalas ao sistema democrático (Macuane, 2010).

⁷ A abstenção, vista como proporção de eleitores inscritos que não votam.

⁸ Em 2008 votaram 314758 eleitores de um total de 661034 eleitores inscritos, quando em 2013 votaram 308816 eleitores, de um total de 614671 eleitores inscritos.

Renamo, e por consequência disso, o não registo (eleitoral) de uma parte de seus membros e simpatizantes, o que para De Brito (1995: 479-480; 2007:8;), é também uma forma de abstenção.

Desde as eleições autárquicas fundadoras (em 1998) em Moçambique até as de 2008 (as últimas antes das de 2013), a FRELIMO sempre ganhou na Cidade de Maputo com maiorias qualificadas (acima de 2/3), teve sempre tendência de aumentar o número e a percentagem de votos de eleição em eleição⁹ e conseguiu sempre eleger seus candidatos a presidência deste município. Entretanto, em termos de eleição de Membros da Assembleia Municipal em 2013, pela primeira vez, a FRELIMO ganhou as eleições com uma maioria apenas absoluta (não qualificada) e o número de eleitores que votaram a seu favor diminuiu com relação a 2008¹⁰. O grupo de cidadãos eleitores JPC é o único para além da FRELIMO que conseguiu eleger membros para Assembleia Municipal em todos os pleitos anteriores aos de 2013, sendo que o número e a percentagem de votos a seu favor foram diminuindo de eleição em eleição, até que não conseguiu eleger nenhum representante a assembleia municipal na eleição de 2013¹¹. Por seu turno, a RENAMO só conseguiu eleger representantes a Assembleia Municipal nas eleições autárquicas de 2003 e de 2008, dado que em 1998 e em 2013 não concorreu por não concordar com legislação eleitoral¹². Para além da FRELIMO, JPC e RENAMO, em eleições autárquicas anteriores às de 2013, apenas a Resistência de Unidade Moçambicana (RUMO) e o Partido Trabalhista (PT) já conseguiram eleger membros à Assembleia Municipal da Cidade de Maputo. Mas estes dois últimos, só o fizeram em 1998, em que elegeram um representante por cada.

Em 2013, mesmo estando a concorrer pela primeira vez em termos de eleições autárquicas, o MDM teve cerca de 120.807 votos (40%), numa eleição em que os restantes partidos perderam em conjunto cerca de 125.740 votos em relação a eleição anterior (2008). Este número é correspondente as perdas dos partidos que tiveram representação na Assembleia Municipal¹³ e

⁹ Teve 44798 votos correspondentes a 70,39% em 1998; 95631 votos correspondentes a 76,11% em 2003 e; 253940 votos correspondentes a 83,78% em 2008.

¹⁰ Em 2013 a FRELIMO ganhou as eleições com 168138 votos correspondentes a 56,42% de votos válidos.

¹¹ Em 1998 teve 16217 votos (25,80%); em 2003 teve 10083 (8,02%); em 2008 teve 9862 (3,26%) e; em 2013 teve 4093 (1,37%).

¹² Sobre o boicote da RENAMO em 1998, Do Rosário (2011: 59) faz menção as discordâncias entre este partido e os outros dois então representados na Assembleia da Republica (FRELIMO e UD), em aspectos ligados a criação da CNE e actualização e sistematização do recenseamento eleitoral.

¹³ Sendo que a FRELIMO perdeu 85802; a RENAMO perdeu por não ter participado em 2013 perdeu todos os 33518 votos que teve em 2008 e finalmente a associação JPC perdeu 5769 votos.

dos que não a tiveram¹⁴ (ver apêndice 2 para mais detalhes sobre os resultados das eleições autárquicas). Isto mostra que, o desempenho eleitoral do MDM nesta eleição deve-se em grande medida aos votos obtidos de eleitores que em/até 2008 tinham idade eleitoral e votaram noutros partidos ou grupos de cidadãos eleitores e outros abstiveram-se. Eleitores que atingiram idade eleitoral depois das eleições de 2008 também fazem parte dos eleitores do MDM em 2013. Entretanto, os novos eleitores não serão inclusos nesta pesquisa¹⁵. A pesquisa é guiada pelas seguintes perguntas de partida.

1.1 Perguntas de pesquisa

Porquê o MDM, mesmo estando a concorrer pela primeira vez em eleições autárquicas, teve um apoio eleitoral que todos os partidos da oposição em conjunto nunca tinham conseguido a nível da cidade de Maputo, numa eleição em que todos os outros partidos registaram diminuição do seu apoio eleitoral, se compararmos com a eleição anterior? Que significado estes eleitores atribuem a sua acção de votar a favor deste partido em detrimento das suas anteriores escolhas eleitorais? De forma resumida questionamos: porquê houve volatilidade eleitoral a favor do MDM na cidade de Maputo em 2013?

1.2 Hipótese

A volatilidade eleitoral a favor do MDM deveu-se a sentimentos negativos dos eleitores com relação a um ou mais dos demais partidos¹⁶.

1.3 Objectivos

1.3.1 Geral

- Explicar o comportamento dos eleitores do MDM nas eleições autárquicas de 2013, tendo em conta que os restantes partidos perderam muitos votos com relação a 2008.

¹⁴ Em 2008 foram depositados 5650 votos a favor de partidos que não tiveram representação e esse número reduziu em 2013 para 4999 votos.

¹⁵ Assim procedemos tendo em conta a necessidade de perceber a ascensão do MDM que coincide com a perda de votos por parte dos demais partidos.

¹⁶ Suportada pela teoria do voto negativo, a nossa hipótese considera a possibilidade de uma parte dos eleitores expressarem descontentamento com relação ao partido que julgam que tem mais chances de ganhar a eleição, sendo eles apoiantes de partidos que do seu ponto de vista, não tinham chance de vencer a eleição (eleitores estratégicos). E outra parte de eleitores expressar descontentamento com relação ao partido a favor de que antes votavam (sendo antigos eleitores/apoiantes da FRELIMO), ou contra os principais partidos políticos no como um todo (eleitores protestantes).

1.3.2 Específicos

- Testar a teoria do voto negativo para explicar o comportamento dos eleitores voláteis do MDM na cidade de Maputo
- Procurar explicações alternativas em teorias enquadradas no voto positivo

1.4 Justificativa

1.4.1 Empírica

A preferência pelo eleitorado do MDM deve-se ao facto de ser recente (tendo em conta o tempo de existência do partido) e muito significativo¹⁷. Para além de uma questão logística do pesquisador, a Cidade de Maputo foi escolhida como um exemplo de vários casos típicos¹⁸ em que se registou volatilidade eleitoral a favor do MDM. Essa tipicidade pode ser extensiva a outros casos fora de Moçambique, particularmente em África, em que um partido que existe há um período inferior a um mandato consegue grande popularidade com apoio de eleitores voláteis, ameaçando (a nível local) até alcançar o poder, mesmo tratando-se de um sistema partidário de partido dominante autoritário¹⁹ ou autoritário competitivo²⁰. Preferimos ainda as eleições autárquicas de 2013, pelo facto de (considerando um normal funcionamento das instituições), ser o resultado delas que moldará o ambiente político a nível local nos cinco anos seguintes ao momento em que a pesquisa começou a ser redigida.

1.4.2 Teórica

A nossa experiência como leitores de assuntos ligados ao comportamento eleitoral, revelou-nos que, muito do que até aqui foi escrito sobre o assunto diz respeito á democracias mais avançadas, quer do ponto de vista de construção teórica, quanto em termos de pesquisas empíricas. Por exemplo, no continente africano, poucos estudos eleitorais focam atenção especial nos eleitores em si, fazendo com que se saiba pouco sobre os mesmos. Dito isto, pretendemos dar o nosso contributo para compreensão/explicação do comportamento de eleitores que mudam de seu voto

¹⁷Consegui ser maioria em quatro municípios (Beira, Gurúè, Nampula e Quelimane) e se representar em quase todas as autarquias existentes no país, com excepção de Nhamayabwè na província de Tete e Macia na província de Gaza.

¹⁸ Numa perspectiva qualitativa a tipicidade implica selecção de casos que se conformam a relação causal geral (Gerring, 2008: 649) e a tipicidade da cidade de Maputo consiste em ser exemplo de onde a volatilidade eleitoral favoreceu o MDM em 2013.

¹⁹Onde não apenas não se verifica a alternância do poder, como também não existe a possibilidade de sua ocorrência (ver Ronning, 2010; Carbone, 2005; 2007; Forquilha & Orre, 2011; Do Rosário (2011).

²⁰ Este termo é bastante utilizado por autores como Levitsky & Way (2002; 2012).

num curto período correspondente a um mandato, sendo por isso designados de voláteis/instáveis.

É também por nossa experiência, na qualidade de leitores, que constatamos que as teorias que historicamente foram dadas mais relevância para a explicação do comportamento dos eleitores, são as que associam o voto a favor de um partido/ou candidato ao apoio a esses atores políticos, negligenciando motivações negativas na decisão do voto. Notamos ainda que grande parte dessas teorias tem dificuldades para explicar o comportamento dos eleitores voláteis, ou seja, que mudam de preferência num curto período de tempo. Pelo que, pretendemos testar a possibilidade de produzir explicações através de teorias que dão ênfase ao efeito das motivações negativas (historicamente negligenciadas na literatura) para explicar o carácter volátil dos eleitores do MDM em 2013.

1.5 Conceitualização

As perguntas centrais da presente pesquisa sugerem o conceito de *volatilidade eleitoral*. Onde volatilidade ou desalinhamento eleitoral é “a transferência agregada de votos de um partido para os outros de uma eleição para a próxima” (Mainwaring & Torcal, 2005: 255) ou a tendência de os eleitores mudarem de seu voto em eleições sucessivas (Catt, 1996:3; Boyd, 1986: 231; Johnston, s/d). Para além de voláteis, estes eleitores são chamados de flutuantes ou instáveis. No presente estudo, a volatilidade deve ser vista não apenas em termos de mudança de um partido para o outro, mas também, em termos de mudança de indecisão para preferência por um partido, e vice-versa (Boyd, 1986). Desta feita, não apenas incluímos os eleitores do MDM em 2013 que votaram noutros partidos em/até 2008, mas também os que se abstinham.

A nossa hipótese central apoia-se na teoria de *voto negativo*, profundamente discutida por Helena Catt (1996). Para esta autora, este tipo de voto é depositado por motivações negativas. Ou seja, o voto é depositado a favor de um partido simplesmente por que não é o outro muito detestado. Entretanto, “o depositante deste tipo de voto, pode bem gostar do partido a favor de que vota, mas o que faz o seu voto negativo é que o desgosto por outro partido é mais forte que o gosto pelo partido a favor de que vota” (Catt, 1996: 41-42).

No presente estudo, o voto negativo será subdividido em dois subtipos de voto – de protesto e estratégico. O *voto de protesto* é depositado a favor de um partido diferente do a favor de que o eleitor votava normalmente (ou da sua primeira preferência), com o objectivo de dar um aviso de

chamada de atenção a esse partido (ou para os principais políticos no seu todo), sem ser atraído pela grandeza do partido a favor de que passa a votar (van der Brug et al, 2000; Dunleavy & Ward, 1992; Burden, 2005; Southwell & Everest, 1998; Kselman & Niou, 2011:396; Fredén, 2011; Crisp, et al, 2014; Catt, 1996; Herrmann & Pappi, 2008; Myatt, 2012). Ao passo que, o *voto estratégico* é depositado por apoiante de um partido que – do ponto de vista do eleitor – não tem chance de vencer a eleição em curso, e é depositado a favor de um partido que do ponto de vista do eleitor, tem uma chance de derrotar o partido mais detestado (ibidem). Estes conceitos serão aprofundados e operacionalizados no quadro teórico.

O conceito de voto negativo leva ao conceito de *voto positivo*, que lhe é oposto. Este último, é depositado por sentimentos positivos com relação ao partido a que se vota, sendo que o seu depositante apoia tudo ou grande parte do que esse partido defende e diz que faria estando no governo (Catt, 1996:14; Jackson & Jackson, 1997). A ideia de voto positivo coincide com o que outros autores chamam de voto sincero, em que o eleitor vota no partido da sua primeira preferência (Herrmann & Pappi, 2008: 234; Irwin & Holstain, 2012: 184; Burden, 2005:). Para efeitos da nossa análise, enquadram-se na teoria do voto positivo todas as teorias que defendem a ideia segundo a qual o voto é sinal de apoio ao partido a favor do qual se vota, e, mais adiante serão discutidos os subtipos de voto positivo mais encontrados na literatura.

1.6 Estrutura do trabalho

Para além deste capítulo introdutório, este trabalho é composto por mais seis capítulos que passamos a apresentar: o segundo capítulo apresenta e fundamenta as principais opções metodológicas com que o trabalho se guiou, o terceiro capítulo, intitulado quadro teórico, apresenta e operacionaliza as teorias de explicação do comportamento eleitoral de que em diversos momentos a pesquisa recorre para fazer as respectivas análises, o quarto capítulo apresenta um breve historial da democracia moçambicana até ao surgimento do MDM, o quinto capítulo apresenta, sem fazer a respectiva interpretação, o resumo dos resultados da pesquisa, o sexto capítulo é dedicado à análise e interpretação dos resultados da pesquisa à luz das teorias que nos propomos a discutir e, o sétimo capítulo é dedicado às considerações finais.

Capítulo II

2 Metodologia

Neste capítulo apresentamos e fundamentamos os procedimentos que seguimos na execução da pesquisa. Concretamente, apresentamos o desenho de pesquisa, os métodos e técnicas de pesquisa que usamos, as limitações e precauções de algumas opções por que optamos.

2.1 Desenho de Pesquisa

A presente pesquisa enquadra-se no que metodólogos de política comparada chamam de estudo de caso, na sua vertente de estudo de caso típico, o que não o faz deixar de ser um estudo comparado (Rezende, 2011; Gerring, 2008; Seawright & Gerring, 2008; Landman, 2000)²¹. As suas perguntas centrais são explicativas²² (De Vaus, 2001:2) e é uma pesquisa centrada nos resultados²³ (Gschwend & Schimmelfennig, 2007: 8-9), pelo facto de se preocupar em identificar factores que determinam ou contribuem para ocorrência de fenómenos sociais (Gil, 2008: 28), envolvendo o desenvolvimento de explicações causais e discutindo se um fenómeno *Y* é afectado por um fenómeno *X* (de Vaus, 2001). Para Gschwend & Schimmelfennig (2007) é centrada nos resultados, por procurar perceber “o que causa *Y*” ou “porque *Y*”.

Nestes termos, o fenómeno *Y* da presente pesquisa é a volatilidade dos eleitores do MDM e o fenómeno *X* que a hipótese do trabalho sugere são os sentimentos negativos que os eleitores têm com relação a um ou mais dos demais partidos. E a cidade de Maputo, considerando os resultados das eleições autárquicas de 2013, é o respectivo caso de estudo.

Mais do que explicativa e/ou centrada nos resultados, a presente pesquisa é de teste de teoria/hipótese²⁴ (De Vaus, 2001: 7; Rezende, 2011; Gerring, 2008; Landman, 2000), dado que é conduzida dedutivamente a partir da teoria de voto negativo, para testar se esta, explica o

²¹ Por ser análise intensiva de uma (ou poucas) unidade de análise, com o objectivo de compreender o conjunto mais amplo de casos similares (Seawright & Gerring, 2008: 297; Rezende, 2011). Todd Landman (2000), usa o termo “estudo de um país” para se referir a estudos de caso, dado que na sua obra tem como principal unidade de análise, os países. Para este autor, estudos de caso são também comparados a medida que usam, desenvolvem e ou procuram fazer inferências aplicáveis a outros contextos (Landman, 2000: 32).

²² Traduzido directamente do inglês *Why question*

²³ Traduzido directamente do inglês *outcome-centric question*

²⁴ Expressão traduzida directamente do inglês *theory testing*

comportamento dos eleitores do MDM na Cidade de Maputo, mas também procurou-se explicações alternativas em teorias enquadradas no voto positivo.

2.2 Métodos e Técnicas da pesquisa

O facto de as perguntas de partida da presente pesquisa procurarem obter as motivações que levaram os eleitores a votar como votaram (não o acto de votar em si) (Catt, 1996) imperou para que aplicássemos a técnica de entrevistas na colecta de dados. Esta opção deve-se também ao facto de esta autora referir que, para testar a teoria de voto negativo é preciso conversar ou de qualquer forma perguntar aos eleitores as razões da sua acção (ibidem), o que permitiu capturar os pensamentos, sentimentos, crenças e valores das pessoas (Tansey, 2007: 6).

Nas entrevistas fez-se perguntas semiabertas/semi-directivas (*open ended questions*). Estas consistem em ser específicas ao tema, perguntas e variáveis da pesquisa, mas ao mesmo tempo dando liberdade aos respondentes para expressar suas opiniões sem ter que obedecer a padrões de respostas pré-estabelecidos como acontece nos inquéritos (Tansey, 2007: 6; Quivy & Campenhoudt, 1992: 192). (Ver o guião das entrevistas no apêndice 1).

As entrevistas foram conduzidas aos eleitores do MDM residentes de dois distritos municipais, nomeadamente: o distrito municipal Ka Mphumo e o distrito municipal Ka Chamanculo, onde o MDM teve 50,5% e 39,5% respectivamente²⁵ (para os resultados eleitorais agregados ao nível dos distritos municipais, ver o apêndice 4). Foram no total entrevistados 25 eleitores, dos quais 12 residentes do distrito municipal Ka Chamanculo e 13 residentes do distrito municipal Ka Mphumo. Em termos de tempo, as entrevistas foram conduzidas dos dias 21 a 29 de Julho de 2014 com uma duração de 4 a 32 minutos, sendo a média de 12 minutos. As idades dos respondentes variaram de 23 a 60 anos²⁶ e em média é de 34 anos. (Ver mais detalhes do perfil dos respondentes no apêndice 2).

A escolha destes dois distritos municipais, deve-se ao facto de o MDM ter tido mais apoio, pelo menos entre os que o STAE aceitou nos fornecer os resultados (para os resultados eleitorais

²⁵ Importa referir que o STAE forneceu nos apenas os resultados presidenciais a nível de alguns distritos municipais, e estes, têm uma ligeira diferença com os resultados referentes aos partidos em si.

²⁶ Incluímos apenas eleitores que em 2008 tinham idade eleitoral, tendo em conta que o nosso foco é perceber a mudança do seu voto.

agregados ao nível dos distritos municipais, ver o apêndice 4))²⁷. Julgamos que essa ideia ajudou a ganhar a liberdade dos eleitores respondentes, primeiro, para se assumirem como eleitores da oposição, e, segundo, para nos revelar as suas reais motivações para tomar tal decisão. Assim pensamos, por assumirmos que devem ter a percepção de que os seus vizinhos também votaram da mesma forma. Outro factor que sustentou a escolha dos dois, é o facto de um deles ser relativamente mais urbano e o outro suburbano, o que permitiu captar o comportamento de eleitores de meios sociais diferentes.

Entrevistamos um número reduzido de respondentes não apenas devido à indisponibilidade de recursos, como também (e principalmente) devido a questões metodológicas. Por questões metodológicas referimo-nos ao emprego de métodos qualitativos, típicos de estudos de caso (Tansey, 2007), aliado ao facto de as perguntas de partida e a respectiva hipótese melhor se adequarem a condução de entrevistas com perguntas semiabertas/semi-directivas, tendo como principal propósito trazer explicações de causalidade (Tansey, 2007; de Vaus, 2001; Quivy & Campenhoudt, 1992), através de análises interpretativas e consideração do significado subjectivo que as pessoas atribuem a sua situação (De Vaus, 2001: 10).

Para alcançar os eleitores, o presente estudo aplicou uma amostra não probabilística do tipo “bola-de-neve/*chain referral*” (Tansey, 2007: 18). Este tipo de amostra consiste em identificar um conjunto inicial de respondentes, que depois de entrevistados são pedidos que indiquem outros potenciais respondentes, que tenham votado – para efeitos do presente estudo – no mesmo partido (ibidem). Aos que foram sugeridos, entrevistou-se-lhes e pediu-se-lhes que sugiram outros potenciais respondentes até se completar a amostra. Entretanto, por não ser probabilística, este tipo de amostra não permite calcular a sua capacidade de generalização, mas esta não é a principal preocupação deste tipo de pesquisa, tendo em conta que procura dar explicações de causalidade através de métodos qualitativos (ibidem).

Não obstante, a indicação de potenciais respondentes no campo, não foi tão automática, dado o facto de o voto ser secreto e não termos recorrido a estruturas partidárias para identificá-los. Mesmo assim, os respondes que não puderam indicar os potenciais respondentes, pelo menos

²⁷ Importa referir que o STAE não aceitou nos fornecer os resultados eleitorais referente aos distritos municipais de Ka Tembe, Ka Mubukwane e Ka Maxakene, como também não aceitou nos fornecer os resultados ao mais baixo nível como os bairros e/ou assembleias de voto, sob a alegação de que se tratava de segredos de Estado.

sugeriram formas de encontrá-los que foram úteis, sem com isso nos apresentar directamente às pessoas, dando lhes liberdade de aceitar ou não assumir-se como eleitores do MDM e de dar a entrevista.

Julgamos que os membros activos e os dirigentes do partido teriam mais incentivos para se assumirem como eleitores, mesmo que não fossem. Por isso, procuramos entrevistar simples eleitores, que não têm a política como sua principal actividade. Entretanto, dos entrevistados, encontramos (sem termos perguntado sobre isso) um eleitor que se assumiu como membro activo do partido MDM e, surpreendentemente, um que se assumiu como membro activo do partido FRELIMO, como também encontramos dois antigos membros activos da FRELIMO, mas que não são membros activos do MDM²⁸. Para tal, não se contactou estruturas partidárias, sendo que o primeiro grupo de respondentes foi interceptado em lugares estratégicos, com relativa concentração de pessoas, nomeadamente, bibliotecas, ruas, mercados e centros sociais. Para além de garantir o anonimato como forma de conquistar a liberdade dos respondentes em dizer suas reais opiniões e sentimentos, evitou-se procurá-los nas suas residências e instituições públicas onde trabalham²⁹.

Fez-se igualmente um esforço para encontrar respondentes que em/até 2008, votaram na FRELIMO; eleitores que votaram em diferentes partidos ou grupos de cidadãos concorrentes da oposição (incluindo a RENAMO), e; eleitores que antes se abstinham. Entretanto, no campo não foi possível encontrar respondentes que nas eleições anteriores votaram noutro partido ou grupo de cidadãos que não seja a FRELIMO ou RENAMO³⁰. O objectivo, com a inclusão destes diferentes grupos de respondentes, é facilitar a distinção entre o voto de protesto e o voto estratégico, caso se confirme a hipótese de ter sido depositado um voto negativo, como também captar as percepções desses diversificados grupos sociais.

²⁸ Importa referir que não fizemos nenhuma pergunta para saber se eram ou não membros dalgum partido, mas durante a conversa, disseram. O que significa que pode até existir mais, mas que não precisaram de nos dizer por não os termos questionado.

²⁹ Entretanto, algumas pessoas foram entrevistadas nas suas residências e uma dentro duma instituição pública, por preferência (expressa) delas, devido a questões relacionadas com a sua disponibilidade, mas os primeiros contactos foram feitos nos locais que identificamos como estratégicos.

³⁰ O facto de não termos conseguido eleitores que nas eleições anteriores votaram em outros partidos ou grupos de cidadãos eleitores que não sejam a RENAMO e a FRELIMO, pode dever-se ao facto de esses partidos terem perdido poucos votos, e dos poucos votos que esses partidos perderam não se sabe se foram no MDM, reduzindo assim as possibilidades de encontra-los. A isso acresce-se o facto de as pessoas tenderem a não se assumirem como eleitores da oposição que é comum mesmo para os que antes votava na FRELIMO, RENAMO ou se abstinham.

2.3 Algumas limitações da pesquisa

O facto de as entrevistas terem sido conduzidas muitos meses depois das eleições, pode ter diminuído as chances de os eleitores expressarem os seus reais sentimentos no momento do voto devido a simples lapsos de memória (Tansey, 2007: 10), por isso demos a oportunidade de o respondente levar o tempo que quisesse para se recordar dos factos.

Outra limitação prende-se com a possibilidade de os eleitores (entrevistados) desviarem as respostas, não expressando assim os seus sentimentos reais, se verem alguma vantagem ou desvantagem nisso (ibidem). Esta última limitação, já se verificou em pesquisas sobre o comportamento eleitoral feitas através de inquéritos em Moçambique, onde os respondentes tenderam a afirmar que votaram e a favor do partido governante de forma massiva, do que os resultados oficiais diziam (de Brito et al, 2005, Pereira, 2007: 18-19; de Brito, 2007; 2008)³¹, tendo os referidos inquéritos produzido resultados que ultrapassam de longe a margem de erro. Para minimizar os efeitos destes problemas, evitamos procurar os respondentes através das estruturas partidárias e de instituições públicas para as quais eventualmente trabalham e garantimos-lhes o anonimato quando negociávamos as entrevistas, e para facilitar o tratamento da informação, os respondentes foram identificados através de números (de 1 a 25), de acordo com a sequência das entrevistas.³²

Tendo em conta os resultados dos inquéritos que citamos no parágrafo anterior, o facto de os nossos entrevistados serem eleitores da oposição (MDM), aumenta a probabilidade de muitos eleitores deste partido não se assumirem como tal³³. Entretanto, torna-se vantagem pelo facto de que, é também maior a probabilidade de os poucos que se assumem, tenham na verdade votado neste partido e se sintam relativamente livres de exprimir suas opiniões, considerando que há menos incentivos para se assumir como eleitor da oposição.

³¹ Os autores fazem menção aos inquéritos feitos por *Comparative National Election Project* (CNEP) e pelo Centro de Estudos sobre Democracia e Desenvolvimento (CEDE).

³² Apenas dois respondentes dos trinta entrevistados mostraram-se disponíveis a deixar os seus nomes, mas preferimos garantir o anonimato a todos. Em alguns casos não conseguimos entrevistar certas pessoas pelo facto de sabermos que as suas vozes seriam gravadas. Depois de insistência a tentar convencê-las a dar as entrevistas, acabamos respeitando a posição delas e não as entrevistamos. Nestes termos, todas as entrevistas que conduzimos temos em nossa posse, sem a identificação dos respondentes.

³³ Isto notou-se, principalmente com pessoas com idades muito avançadas, visivelmente acima dos 50 anos. Muitos dos abordados com estas idades, recordaram que o voto era secreto, usando expressões como, “é difícil dizer que votei no MDM” ou “é complicado dizer que votei no MDM, meu filho”, entre outras. Estes respondentes afirmavam implicitamente que votaram no MDM, mas simplesmente não podiam conceder a entrevista porque não se sentem livres.

Por não ser probabilística, a amostra do tipo de bola de neve/*chain referral* (que aplicamos) padece de ampla margem de viés de selecção e de uma limitada capacidade de ser generalizada para o total da população estudada (Tansey, 2007: 13). Para minimizar as insuficiências que este método apresenta, o primeiro grupo de respondentes foi diversificado em termos de idade, sexo, nível de escolaridade e sector do trabalho para incluir diferentes grupos para o teste da hipótese em seus diferentes ângulos³⁴.

2.4 Precauções

Em ciências sociais são frequentes problemas como, “a tendência de omissão de variáveis, sobredeterminação explicativa, indeterminação” (Gschwend & Schimmelfennig, 2007: 17; Rezende, 2011) e “falácia de afirmação da consequência”³⁵ (De Vaus, 2001:13). Por seu turno, Quivy & Campenhoudt (1992: 20) chamam atenção para a necessidade de que nos protejamos de dois problemas opostos: “um cientismo ingénuo, que consiste em crer na possibilidade de estabelecer verdades definitivas, ou, inversamente um cepticismo que negaria a possibilidade do próprio conhecimento científico”.

Seguindo os apelos que estes autores dão para evitar este tipo de problemas, o presente trabalho procurou descobrir inconsistências lógicas em explicações alternativas, procurando evidências, quer para confirmar, quanto para refutar as hipóteses iniciais (Gschwend & Schimmelfennig, 2007:17; De Vaus, 2001:13; Gerring, 2008). Neste intuito, o trabalho procurou testar a hipótese de os eleitores do MDM terem depositado um voto negativo, mas também testou a possibilidade de produzir explicações através das teorias enquadradas no voto positivo, e a possibilidade de usar simultaneamente a teoria de voto negativo e a teoria de voto positivo para explicar o comportamento dos mesmos eleitores.

³⁴ A inclusão de pessoas de diferentes estratos sociais não obedeceu um rigor estatístico, dada a inexistência de dados estatísticos que revelam a quantidade de pessoas de cada estrato que voto em cada partido. Mas, considerando que este estudo privilegia o uso de métodos qualitativos, um rigor estatístico, mesmo que os dados estivessem disponíveis, torna-se impertinente.

³⁵ Expressão traduzida do inglês *the fallacy of affirming the consequent*.

Capítulo III

3 Quadro teórico

Sendo que esta pesquisa avançou a hipótese segundo a qual, a volatilidade/instabilidade eleitoral deve-se a sentimentos negativos que os eleitores têm com relação a um ou mais dos demais partidos, procurou-se chegar a explicações através das teorias enquadradas no voto negativo. Dentro destas teorias, podemos encontrar a teoria de voto de protesto e de voto estratégico/tático.³⁶

Respeitando a ideia de Luís de Brito (1995: 488), segundo a qual, o voto nunca é determinado por um factor isolado, mas sempre por interacção de múltiplos factores de diversa ordem, que só é possível separar em termos de análise, a presente pesquisa não se limitou a usar teorias de voto negativo como a hipótese sugere. Mas também foi testada a possibilidade de produzir explicações através de teorias enquadradas no voto positivo, num esforço de refutar/falsificar a hipótese principal, como aliás, muitos metodólogos de ciências sócias recomendam (ver por exemplo Quivy & Copenhoudt, 1992; Gschwend & Schimmelfennig, 2007; Rezende, 2011; De Vaus, 2001 e Gerring, 2008).

De seguida, apresentamos as teorias que se enquadram no voto positivo, que serão seguidas de teorias do voto negativo. Começamos por teorias do voto positivo pelo facto de, historicamente, terem sido produzidas em primeiro lugar, e terem dominado por muito tempo a tentativa de dar explicações ao comportamento dos eleitores.

3.1 Teorias do voto positivo

De realçar que muitas destas teorias, embora consideradas de voto positivo, prevêm comportamentos que se enquadram na teoria do voto negativo, seja ele de protesto quanto estratégico/tático.

3.1.1 Teoria de identificação/lealdade partidária

Identificação partidária refere-se a fortificação das ligações afectivas que o eleitor tem com relação a um determinado partido, que lhe predispõe a votar nesse partido nas eleições (Sanders,

³⁶ Helena Catt (1996) está entre os autores que mais discutiram estas teorias e Gabriela Velasquez (2011) as aplicou para explicar o comportamento dos eleitores do MDM nas eleições gerais de 2009.

2003: 241). Na mesma senda, Butler e Stokes (1974) (citados por Catt, 1996: 80) asseguram que “muitos eleitores pensam em si como apoiantes de certos partidos políticos de forma duradoira, desenvolvendo uma auto-imagem partidária”.

Esta teoria assegura que um indivíduo chega a identificar-se com um certo partido a partir do seu processo de socialização desde a sua adolescência (Catt, 1996: 80-81; Freire, 2001: 51; Heywood, 2007: 266; Rose & Mishler, 1998: 220; Sanders, 2003: 241), que lhe faz adquirir uma ideologia política, que estando ligada a um partido, com ele se identifica e passa a votar nele habitualmente (Catt, 1996: 80-81; Sanders, 2003: 241). A identificação partidária não é algo que as pessoas escolhem, mas sim é desenvolvida nos anos formativos e é fortificado com o passar do tempo (Fisher, 2001: 15; Rose & Mishler, 1998:220). Ao ingressar na vida adulta, se o indivíduo viesse a integrar um meio social e político diverso daquele que caracterizava o seu ambiente familiar e a sua origem social, a identificação partidária tenderia a alterar-se no sentido de se conformar aos novos ambientes sociais e políticos do indivíduo (Heywood, 2007: 266; Campbell e outros, 1960 citados por Freire, 2001: 53).

Esta teoria tem muita ligação com o que outros autores chamam de modelo sócio-psicológico ou voto atitudinal³⁷ e enfatiza o papel das atitudes políticas no comportamento eleitoral, considerando o efeito dos assuntos políticos; das lideranças partidárias, e principalmente a intensidade da identidade partidária (Jackson & Jackson, 1997: 378; Freire, 2001).

A analogia feita por Jackson & Jackson (1997: 377) sobre o que chamam de *supermarket voting*, segundo a qual, os eleitores examinam as opções e fazem sua selecção no dia de votação da mesma forma que escolhem produtos no supermercado a partir da lealdade na marca, também se enquadra na teoria de identificação/lealdade partidária. Os autores equiparam essa forma de escolher produtos no supermercado a uma forte preferência por certo partido político (ibidem).

Os eleitores com uma motivação positiva e o desejo de ser expressivo são clássicos partidários leiais e capturados pela teoria de identificação partidária e são propriamente descritos como apoiantes (Catt, 1996: 115).

³⁷ Tradução feita do inglês *Attitudinal voting*

A principal pergunta de identificação partidária feita pela escola de Michigan é, “geralmente falando, acha que é mais afim de um dos partidos do que dos outros?” E para os que respondem “sim” pergunta-se “qual é” (Catt, 1996:82; Freire, 2001: 46; Sanders, 2003: 245).

A identificação partidária facilita o eleitor por reduzir os custos de procurar avaliar informação sobre as plataformas políticas dos partidos (Fisher, 2001: 15; Downs, 1999).

O resultado da lealdade partidária é que os eleitores vêem o seu partido como o melhor em todos os assuntos, todos momentos e em todas as eleições (Keulder, 2010: 269). O apoio partidário é incondicional, e os eleitores vêem o partido em que votam como “o seu partido” o que faz com que o seu eleitorado seja estável, o resultado seja previsível dado que a volatilidade é baixa e o seu respectivo sistema partidário seja igualmente estável (Heywood, 2007: 266 & Keulder, 2010: 269). Eleitores com uma forte identificação partidária dificilmente mudam do seu voto, ao passo que os outros tendem a determinar o seu voto baseando-se em assuntos, líderes, ou outros factores de curto prazo (Jackson & Jackson, 1997: 378).

Não obstante, existe também identificação partidária negativa (Rose & Mishler, 1998). Um indivíduo tem identificação partidária negativa com relação a um partido, quando tem o sentimento de que nunca votaria nele (ibidem)³⁸.

Embora o eleitor típico da identificação partidária negativa seja motivado por sentimentos negativos, não deve ser visto como voto negativo na forma como o tratamos neste estudo. Pelo que, a identificação partidária negativa é uma questão que dura muito tempo, e muitas vezes não é motivado por assuntos/políticas públicas e por isso tem muitas limitações para explicar a volatilidade eleitoral.

3.1.2 Teoria de voto de classe

A teoria de voto de classe está muito ligada ao modelo sociológico do voto, com suas origens na escola de Columbia (Freire, 2001). Este modelo “ênfatisa as determinantes estruturais do voto, mas também o papel dos partidos políticos e das associações da sociedade civil (igrejas,

³⁸ Segundo Ver Rose & Mishler (1998), existe quatro tipos de partidários distintos: partidários negativos, quando identificam um ou mais partidos nos quais nunca votariam; partidários fechados, que formam identificação partidária positiva com relação a um(ns) partido(s) ao mesmo tempo que tem identificação negativa com relação a outro (s); partidários abertos, que se identificam com um partido, mas que não identificam um partido contra o qual nunca votariam e; partidários apáticos, sem ligações positivas nem negativas com nenhum dos partidos.

sindicatos, etc.) na transformação das clivagens sociais em clivagens políticas” (Freire, 2001; Lipset & Rokkan, 1967). As clivagens centro-periferia e estado-igreja, resultantes da revolução nacional, e as clivagens, urbano-rural e capital-trabalho, resultantes da revolução industrial, são as principais que no contexto europeu levaram ao surgimento de partidos políticos que as transformaram em clivagens políticas (Lipset & Rokkan, 1967). Desta feita, os partidos políticos foram vistos ao mesmo tempo como agentes de conflito e de integração (ibidem).

Classe é a maneira de descrever diferentes grupos na sociedade, agrupando membros de cada nível de similaridades de factores como renda, estilo de vida, status, oportunidades de vida e poder (Catt, 1996: 85). Neste caso, geralmente usa-se certas distinções como classe trabalhadora ou média, azuis ou brancos, trabalhadores manuais ou não manuais (Catt, 1996; Anderson & Hearth, 2000). Outros factores são ainda usados, a exemplo do sector em que a pessoa trabalha, público ou privado; assim também como se a pessoa é ou não membro de grupos sindicais (ibidem). Na mesma senda, Jackson & Jackson (1997: 378) e Heywood (2007: 267) afirmam que “as pessoas votam de acordo com o seu grupo social e económico, incluindo a sua classe social, educação, etnicidade, rendimento, religião, residência rural ou urbana”.

Como alternativa a essas classes academicamente definidas usa-se a classe auto-percebida perguntando as pessoas se pensam em si em termos de classe, e se sim qual (Catt, 1996: 86; Lipset & Rokkan, 1967). A classe é tida como uma variável que descreve aspectos da posição da pessoa que afecta o seu voto (ibidem). Neste caso, os partidos políticos são vistos como representantes de diferentes grupos sociais. Para Anderson & Hearth (2000) quanto mais as pessoas interagem com pessoas de classe diferente da sua, menos seria o poder da sua classe para explicar o seu voto.

Entretanto, apesar de existirem muitas e diferentes definições de classe a assumpção ortodoxa de que o voto é sinal de apoio é aparente no debate (Catt, 1996). Sendo que as explicações concentram em procurar saber por que os membros duma classe gostam do partido a favor do qual votam, do que sugerir que eles possam estar a ser conduzidos por desagrado de uma classe com um partido (ibidem), como também são frágeis em explicar volatilidade eleitoral.

3.1.3 Efeitos do contexto

Neste tipo de voto, que tem fortes ligações com o voto de classe, acima discutido, os efeitos do contexto, por vezes chamados de efeitos de vizinhança, aspectos físicos e sociais são dados mais importância (Catt, 1996: 93). O eleitor vota a favor de um partido, porque uma proporção significativa dos seus vizinhos votam da mesma forma (Johnson, Shively & Stein, 2002; Anderson & Hearsh, 2000). A informação sobre o lugar em que a pessoa vive é tida como relevante para explicar o comportamento eleitoral do indivíduo, dado que se supõe que “os que falam, vivem, trabalham ou brincam juntos votam da mesma forma” (Catt, 1996: 93; Johnson, Shively & Stein, 2002; Anderson & Hearsh, 2000).

Nesta perspectiva, a equipa de Johnston (1988) (citada por Catt, 1996: 94) concluiu que “no geral, quanto mais homogénea uma comunidade for, mais era provável que os seus membros votassem no partido com ligações mais fortes com a classe mais ampla dessa sociedade”. Para tal, Putnam (1994) citado por Catt (1996: 94) é necessário um grande esforço por parte do partido maioritário; a conformação desse partido com as normas locais, e; a interacção, dado que, para Johnston et al (1988) e Owens & Wade (1988) (citados por Catt, 1996: 94), “os eleitores olham mais para o bem da comunidade em que estão inseridos do que para o seu próprio bem”.

Na mesma perspectiva, autores como McAllister e Studlar (1992) e Miller (1978) (citados por Catt, 1996: 95) asseguram que, diferentes padrões de ocupação, renda, idade, alojamento, assim como a concentração do centro das classes contam nas diferenças espaciais do comportamento eleitoral. Sugerindo que não é a vizinhança em si que determina as visões políticas, mas sim que a predisposição política conta na escolha de onde viver (Catt, 1996:95; Johnson, Shively & Stein, 2002).

Entretanto, o contexto só tem relevância na explicação do comportamento eleitoral quando houver interacção, daí que sugere-se que se deva perguntar ao eleitor, com que vizinhança se identifica (Catt, 1996:99).

Sendo esta teoria enquadrada no voto positivo, foi utilizada neste estudo na tentativa de refutar/falsificar a nossa hipótese inicial e/ou como alternativa às teorias do voto negativo.

3.1.4 Voto étnico

O voto étnico consiste em votar no partido com que o grupo étnico do eleitor se identifica (Horowitz, 1985 citado por Keulder, 2010: 267). Ocorre quando membros de um grupo cultural mostram uma afinidade desproporcional através do voto, a um partido político específico (Bratton et al, 2012).

Em sociedades etnicamente divididas, e, em que este tipo de voto predomina, o resultado apenas confirma o domínio da maioria étnica. E se um grupo étnico pratica este tipo de voto, incentiva o outro grupo étnico a praticá-lo e, a única incerteza neste tipo de sociedades é se os potenciais eleitores vão participar ou não (Keulder, 2010: 267). Entretanto, esta tese elimina todas as outras explicações possíveis sem testá-las (ibidem: 268). Nesta teoria, o apoio partidário é presumivelmente fixo e invariável, impossibilitando a volatilidade (ibidem).

3.1.5 Modelo económico/teoria da escolha racional na explicação do voto

No modelo económico do voto, os partidos são vistos analogamente a se comportar como empresas e os eleitores como consumidores³⁹ (Dunleavy & Ward, 1992: 79). Este modelo “apresenta o eleitor como estando relativamente liberto das determinações sociológicas e atitudinais, baseando as suas escolhas numa ponderação dos custos e benefícios” (Freire, 2001: 4), e, “cada cidadão vota no partido que ele acredita que lhe proporcionará mais benefícios do que qualquer outro, comparando as rendas de utilidade que crê que receberia, caso cada partido estivesse no poder” (Downs, 1999: 57-58; Dunleavy & Ward, 1992: 80; Sanders, 2003: 242). Neste modelo, os eleitores são vistos como actores racionais, decidindo a sua preferência partidária na base do seu interesse pessoal (Heywood, 2007: 267; Nezi, 2012) e por isso o voto é visto como essencialmente instrumental, isto é, como meio para alcançar um fim (ibidem).

Nesta teoria/modelo, acrescenta-se ainda a ideia de que, os eleitores usam o voto para recompensar o governo reelegendo-o, se tiver tido bom desempenho ou para puní-lo, votando na oposição, se o seu desempenho tiver sido mau, ao fazer um voto retrospectivo (Bratton et al, 2012; Pereira, 2008; Downs, 1999; Manin et al, 2006; Sanders, 2003; Crisp, et al, 2014; Nezi, 2012). Pode também fazer-se a decisão de voto, de acordo com esta teoria, com base numa

³⁹ A lógica do mercado entre as empresas e os consumidores na explicação do voto, termina quando fornece-se ao eleitor, duas alternativas igualmente óptimas. Tendo duas alternativas igualmente óptimas, eleitor racional tem incentivos para não votar (o diferencial partidário é zero). Ao passo que, no mercado, quando se lhe oferece duas alternativas igualmente óptimas, não deixará de comprar (consumir) por esse motivo (Dunleavy & Ward, 1992).

avaliação prospectiva, usando a informação sobre o que se espera que cada partido fará se for eleito (ibidem). Apesar de estar enquadrada no voto positivo, o facto de o eleitor típico deste modelo privilegiar questões de curto prazo (assuntos e temas políticos), permite ser usada para explicar a volatilidade.

3.1.5.1 O voto *pocket book*

Este tipo de voto é uma forma do voto económico, e por isso nele os eleitores tomam decisão de em quem votar na base de temas políticos (*issue voting*). E, modelos baseados em temas políticos partilham a ideia de que os eleitores são racionais (Keulder, 2010: 271). O que significa que eles colhem informação, consideram todas as opções de acordo com a informação de que dispõem e escolhem a melhor opção e partido que melhor estiver equipado para trazer melhores opções de forma não emocional (Keulder, 2010: 271-272).

O voto *pocket book* é também chamado de voto “egocêntrico” ou baseado nas “condições económicas pessoais”, em que o eleitor racional toma a decisão eleitoral baseando-se no desemprego, inflação, ou preocupações económicas mais genéricas, fruto de condições e acontecimentos vividos pelo próprio eleitor ou pelos seus familiares (Freire, 2001: 85; Sanders, 2003: 242; Nezi, 2012; Boyd, 1986: 238). Na mesma linha de pensamento, Mainwaring & Torcal (2005: 268) enquadram neste tipo de voto, o voto depositado para assegurar bens clientelistas quando, “um eleitor opta por um partido ou político mesmo se o seu concorrente esteja ideologicamente mais próximo da sua posição preferida, como forma de defender bens materiais que através de serviços públicos não seriam possíveis”.

Um problema relacionado com este tipo de voto é ser orientado para o governo e o eleitor tende a derrotar o partido governante se a sua situação económica pessoal tiver deteriorado (Keulder, 2010: 272). E nestes termos, o voto *pocket book* resulta de motivações negativas, e por isso ficando um voto negativo contra o governo (ibidem). O outro problema relacionado com o voto *pocket book* prende-se com o facto de não sacrificar a identificação partidária do eleitor, dado que a sua mudança é apenas a curto prazo e estratégica (ibidem).

3.1.5.2 Voto sociotrópico

É igualmente uma forma do voto económico, e por isso baseado nos temas políticos (*issue voting*), sendo que se opõe ao voto *pocket book* por se basear nas condições económicas nacionais e não pessoais (Keulder, 2010: 272; Sanders, 2003: 242; Nezi, 2012; Boyd, 1986: 238;

Freire, 2001: 85). Para adquirir informação com base na qual um eleitor sociotrópico vota, não basta apenas a experiência pessoal e familiar mas sim é preciso também recorrer aos meios de comunicação social ou às conversas com outras pessoas (Kieiet, 1983 citado por Freire, 2001: 86).

3.1.6 Voto personalista

Para além de voto baseado em clivagens sociais (teorias ligadas ao modelo sociológico), em atitudes dos eleitores com relação aos partidos (teorias baseadas no modelo sociopsicológico), ou mesmo em temas políticos (teorias enquadradas no modelo económico), que se enquadram na teoria do voto positivo, existe também voto baseado nos traços das personalidades dos líderes concorrentes, tendência que tem se observado em democracias ou semi-democracias instituídas a partir dos anos 1978 (Mainwaring & Torcal, 2005; Jenssen & Aalbeg, 2006). Neste tipo de voto, os eleitores não são atraídos por proximidade ideológica ou programática do partido ou candidato a favor de que votam, mas sim pelos traços pessoais da personalidade do candidato em si (ibidem). Entretanto, Garzia (2011) encontra este tipo de voto também em democracias industriais mais avançadas, vendo-o como um factor de curto prazo.⁴⁰

Na tentativa de dar alguma explicação à frequência do voto personalista em democracias da terceira onda do que nas mais antigas e mais industrializadas, Mainwaring & Torcal (2005) socorrem-se do facto de nesses contextos a televisão ter se estabelecido como um fenómeno de massas antes dos partidos políticos estarem bem enraizados na sociedade, permitindo aos candidatos apresentar suas mensagens na televisão sem precisar de organizações partidárias bem desenvolvidas. Jenssen & Aalberg (2006) e Garzia (2011) também comungam com a ideia de que o crescente impacto dos meios de comunicação electrónica (principalmente a televisão), são a principal explicação para tal tendência⁴¹.

Estes autores acrescentam ainda que, a popularidade dos líderes partidários, também contribui para a popularidade dos respectivos partidos (Jenssen & Aalberg, 2006; Garzia, 2011). Nestes termos, os autores chegam a referir que, enquanto antes os líderes partidários apresentavam a mensagem do partido, com a expansão da televisão, a personalização e privatização da vida

⁴⁰ Os eleitores, através da informação que obtém nos meios de comunicação social, avaliam aspectos como os candidatos em si, assuntos (temas), avaliação do desempenho (Garzia, 2011: 698).

⁴¹ Garzia aponta igualmente factores como: a erosão paralela das tradicionais clivagens políticas; as mudanças tecnológicas e a mudança de estruturas partidárias como responsáveis por esta tendência.

pública, os líderes passam a ser a mensagem do partido e as mensagens partidárias passam a ser avaliadas de acordo com quem as apresenta (*ibidem*).

Pelo facto de eleitores típicos do voto personalista serem propensos a mudar de seu voto em curto período de tempo, aplicamos esta teoria como alternativa à nossa hipótese.

3.2 Teorias do voto negativo

Em reacção as teorias ortodoxas segundo as quais o voto é sinal de apoio ao partido a favor do qual se vota, Helena Catt (1996) afirma que “os eleitores reagem a um conjunto de escolhas que são apresentadas nas eleições, do que sobre questões do seu futuro político ideal”. Com isto a autora sugere que o voto é sinal de preferência num certo momento e lugar e não como sinal de apoio. Entretanto, preferência é o acto de escolha, favorecendo ou gostando de um em relação ao outro, enquanto apoio é aprovação, suporte, defesa, fornecer bens de sobrevivência (Chambers, 1977 citado por Catt, 1996:26). Na mesma linha de reflexão, Rose e McAllister citados por Catt (1996: 29) defendem que o voto não é apoio a 100 por cento de tudo o que o partido diz e defende e sim indicação de uma preferência, favorecendo um partido por ser o mais bom ou por ser o menos mau (*ibidem*).

O voto negativo, coincide com o que outros autores chamam de “voto insincero”, definido como o voto depositado a favor de um partido que não é de primeira preferência (Irwin & Holsteyn, 2012; Herrmann & Pappi, 2008).

O uso da informação sobre como cada eleitor se sente com relação a todos os partidos políticos facilita perceber se o seu sentimento mais forte é negativo (ou positivo) e os que têm sentimentos negativos com relação a maior parte dos partidos (Catt, 1996: 43). Para a autora, os eleitores fazem uma variedade de coisas, tomam diferentes tipos de decisão, por isso, um conjunto de teorias é necessário para cobrir essas diferentes decisões (Catt, 1996: 25). Mais do que escolher o partido mais gostado, o voto pode ser negativo, de protesto ou tático/estratégico (*ibidem*).

Quer no voto de protesto, quanto no estratégico/tático os eleitores são motivados pelo desejo de prejudicar o partido que detestam do que pelo desejo de ajudar o partido que gostam (Catt, 1996; Dunleavy & Ward, 1992:88) e não são leiais (Keuder, 2010: 271), o seu voto demonstra preferência, normalmente a curto prazo e por isso são voláteis (*ibidem*).

3.2.1 Voto de protesto

O voto de protesto partilha com voto estratégico o facto de ser depositado a favor de um partido que não é o da primeira preferência (Myatt, 2012), e deve ser definido através dos determinantes da preferência partidária, e não pelas características do partido em si (van der Brug, et al, 2000: 82). Eleitores protestantes são movidos pelo interesse de “mostrar o seu descontentamento com a elite política, votando no partido que está fora da arena política”, sem se preocupar muito em influenciar o resultado (van der Brug et al, 2000: 82-83; Dunleavy & Ward, 1992: 88; Burden, 2005; Southwell & Everest, 1998: 44).

Estamos perante um voto de protesto quando um eleitor que normalmente vota a favor de um partido, numa eleição específica vota a favor de um partido diferente em resposta a uma acção que não gostou do partido pelo qual normalmente vota (Catt, 1996:44). Este tipo de voto tem o objectivo de mostrar insatisfação com o partido mais preferido (Kselman & Niou, 2011:396; Fredén, 2011; Dunleavy & Ward, 1992; Crisp, et al, 2014: 4; Southwell & Everest, 1998). O motivo para tal voto é a posição percebida do partido ao regime político (van der Brug, et al, 2000: 82).

Nestes termos, o eleitor protestante não vota no partido mais próximo da sua ideologia, como também não é atraído com a grandeza do partido pelo qual vota (van der Brug, et al, 2000: 83). Entretanto, para Catt (1996:44;) Downs (1999) e Myatt (2012), num sistema bipartidário este tipo de voto é difícil de acontecer, dado que a única opção para o voto de protesto é o outro partido (grande) da oposição a que normalmente não se gosta.

Kselman & Niou (2011: 400) recorrem ao estudo de Hirschman (1970) sobre a saída, a voz e a lealdade do consumidor para explicar o comportamento do eleitor protestante. Ora, para aquele autor,

“a opção mais viável para o consumidor insatisfeito com a qualidade do produto do seu fornecedor mais preferido é sair e ir para outro fornecedor, induzindo os dirigentes da empresa fornecedora preferida a aumentar a qualidade para recuperar os consumidores perdidos. Se a qualidade do produto aumentar, muitos dos consumidores perdidos voltam ao seu fornecedor preferido, se não, criarão novos laços de lealdade com outros fornecedores” (ibidem).

Para Rosenthal et al (1996) (citados por Kselman & Niou, 2011: 397) o voto de protesto “comunica aos líderes políticos que uma porção do eleitorado está insatisfeita com o status quo”. O voto de protesto é nestes termos,

“usado para mandar um aviso de sinal de insatisfação com um ou mais actores políticos importantes num certo período (mandato anterior) com expectativa de que essa mensagem vai contribuir para a mudança do comportamento das elites num período futuro (mandato seguinte)”
(Kselman & Niou, 2011: 397; ver também Downs, 1999: 69).

O eleitor protestante pode bem, querer que o seu partido mais preferido ganhe a eleição, mas votar noutro partido para evitar que ganhe de forma confortável, como forma de lhe mandar uma mensagem de aviso (Myatt, 2012). Desta forma, o eleitor estaria a induzir o partido vencedor (mais preferido) a mudar de certa política, ao perceber que sua popularidade diminuiu (ibidem).

Segundo estes autores, este tipo de voto é geralmente depositado a terceiros partidos quando os eleitores percebem que os principais partidos estão mutuamente a ignorar assuntos que lhes interessam (Kselman & Niou, 2011; Downs, 1999: 69; Myatt, 2012; Catt, 1996; Southwell & Everest, 1998). E, geralmente não altera o resultado das eleições, mas tem um significado para o seu depositante e por isso deve ser estudado (Catt, 1996:45).

Para descobrir se o voto depositado é de protesto deve se conversar, ou de qualquer forma perguntar ao eleitor a razão da sua acção de votar nesse partido (Catt, 1996:44). Este tipo de eleitor, mostra desagrado com o partido a favor de que normalmente vota (Catt, 1996: 28), dando assim um aviso (ibidem: 41).

Para Fredén (2011) este tipo de voto, pode ser racional, se o eleitor julgar que os benefícios em depositá-lo são maiores do que em votar no partido que mais prefere.

3.2.2 Voto estratégico/tático

Estamos perante voto estratégico/tático quando “os eleitores abandonam o seu partido mais preferido porque tem poucas chances de ganhar a eleição em curso” (Kselman & Niou, 2011: 396; Southwell & Everest, 1998: 44), e muitas vezes votam num dos principais contendores (Herrmann & Pappi, 2008: 229;). O eleitor tático/estratégico é aquele que vota no partido que acha que tem melhores chances de ganhar em vez do partido da sua primeira preferência para depositar um voto efectivo (Fisher, 2001: 3; Herrmann & Pappi, 2008 Burden, 2005: 604; Catt,

1996: 46; Johnston, s/d). Por seu turno Holmberg (1985), citado por Fredén define voto tático como “um voto consciente a um partido que não é o da primeira preferência para alcançar um objectivo político específico” (Fredén, 2011: 10; ver também Johnston, s/d).

Com o voto estratégico, o eleitor procura prevenir a eleição do partido mais detestado (Catt, 1996: 28, 112; Keulder, 2010: 270; Johnston, s/d). Neste tipo de voto, o eleitor não apenas está interessado em evitar votar no partido que detesta, mas também quer tomar a acção necessária para evitar a sua vitória, participando assim na selecção do vencedor (Catt, 1996: 112). Nestes termos, mesmo que o eleitor vote num partido que depois não ganhe a eleição em curso e fique em terceiro (ou quarto ou quinto...) lugar, se tiver pensado que tal candidato tinha chances de ganhar e tiver sido influenciado por essa ideia, o seu voto é tático (Catt, 1996:114; Keulder, 2010: 271).

Este tipo de voto geralmente é depositado quando o eleitor percebe que o partido que mais detesta tem maiores chances de ganhar a eleição e o seu partido favorito não vai ficar em segundo lugar, e o seu voto tático pode impedir a vitória do partido detestado (Catt, 1996: 47).

Para Kselman & Niou, (2007: 13), uma condição necessária para que haja o voto estratégico é que o partido da segunda (terceira, quarta...) preferência do eleitor tenha maiores chances de ganhar do que o seu partido mais preferido. Por sua vez, Catt (1996), aponta aspectos como, um grande desgosto por um partido, que leva a um grande desejo de vê-lo derrotado; o desejo de depositar um voto estratégico (que possa alterar o resultado), e; a vontade de colher informação da melhor forma de depositar um voto efectivo, como condições necessárias para que tal tipo de voto ocorra.

Heath e colegas (1991) (citados por Catt, 1996:81) medem o voto tático considerando todos os que se identificam com um partido e votam a favor de um outro.

Catt acrescenta ainda que a maneira como os eleitores percebem a decisão de votar terá impacto na tática de campanha dos partidos concorrentes (1996:122). O que significa que se um partido recebe uma proporção substancial dos seus votos de eleitores negativamente motivados, precisaram usar uma campanha negativa para lembrar os eleitores por que detestam o inimigo (ibidem).

Anthony Downs pondera a possibilidade de, num sistema multipartidário, um eleitor racional votar estrategicamente a favor dum “partido que não é aquele que mais prefere” (Downs, 1999: 68). Tal sucede quando “o eleitor percebe que o partido que mais prefere não tem qualquer chance de ganhar e vota num partido alternativo com uma chance razoável (sob ponto de vista do eleitor) para evitar que ganhe o que menos prefere” (ibidem).

Motivações positivas são também encontradas no voto tático como, alcançar a balança do poder, criar uma oposição forte ao partido dominante no poder e garantir que pequenos partidos sejam também representados (Keulder, 2010: 271; Fredén, 2011).

O quadro teórico que acabamos de apresentar foi usado para testar a hipótese de que os eleitores do MDM em 2013 votaram a favor deste partido como forma de mostrar o seu descontentamento com relação a um ou mais dos demais partidos políticos. As teorias de voto de protesto e de voto estratégico, por estarem enquadradas na teoria de voto negativo, foram dadas mais ênfase. As restantes, enquadradas na teoria de voto positivo, foram usadas como forma de encontrar explicações alternativas e/ou complementares. Contudo, antes de apresentar os resultados, introduzimos o capítulo que se segue, para se ter um conhecimento mais aprofundado sobre o contexto que esta pesquisa estuda.

Capítulo IV

4 Breve historial da democracia moçambicana

Antes de apresentarmos os resultados da nossa pesquisa, introduzimos este capítulo para fazer um resumo do historial da democracia moçambicana, que nos permitirá compreender o surgimento e desenvolvimento do MDM no cenário político moçambicano. Sendo que, começamos por apresentar de forma resumida os processos havidos desde a sua institucionalização e por fim mostramos como o MDM surgiu e se estabeleceu neste espaço político.

4.1 Institucionalização da democracia multipartidária

Foi no contexto do que Huntington (1994) chamou de terceira onda de democratização que, Moçambique adoptou pela primeira vez em 1990 uma constituição democrática⁴² (Hall & Young, 1991). Esta constituição foi consubstanciada com a assinatura dos Acordos Gerais de Paz a 4 de Outubro de 1992, em Roma, como forma de pôr termo uma guerra que assolava o país desde 1976, opondo a RENAMO e o governo da FRELIMO (OSISA, 2009; Forquilha & Orre, 2011; Nuvunga & Adalima, 2011; de Brito et al, 2005; Macuane, 2010).

No que Nuvunga & Adalima (2011: 8) chamaram de “primeira onda de partidos políticos” em Moçambique⁴³, a partir dos anos 1990 verificou-se a proliferação de partidos políticos com o intuito de participar do jogo democrático acabado de ser instituído⁴⁴ (Hanlon, 1993; Lundin, 1995; Forquilha & Orre, 2011). A FRELIMO já havia-se transformado em partido político no seu terceiro congresso em 1977⁴⁵ e a RENAMO se transformaria de um movimento de guerrilha para partido político com assinatura daqueles acordos. Autores como Lundin (1995) e Chichava (2007; 2008), observam que maior parte dos partidos criados no quadro da nova constituição,

⁴² Ver os artigos: 30-34, 73-85; 118 e 134 da Constituição de 1990; ver também o AGP, Protocolos II, III e V.

⁴³ De referir que estes partidos foram designados de não armados, como forma de distingui-los da FRELIMO e da RENAMO, que tem origens armadas.

⁴⁴ De realçar que, embora a RENAMO existisse desde cerca de 1976, no princípio da guerra dos dezasseis anos, apenas se transformou em partido político depois da assinatura dos Acordos Gerais de Paz em 1992.

⁴⁵ Que liderou o regime monopartidário depois de ter liderado a guerra de libertação, que levou o país à independência em 1975.

têm as suas lideranças maioritariamente formadas por pessoas do norte do Rio Save, por terem historicamente sempre sido excluídos do poder⁴⁶.

Entretanto, a lógica do funcionamento do partido dominante autoritário/hegemónico, a partidocracia, a anacracia, o clientelismo exacerbado, a corrupção, as fraudes eleitorais, fraca legitimidade das instituições, entre outros (Forquilha, 2011: 40; Do Rosário, 2011; 2012; Ronning, 2010; Carbone, 2005; 2007; de Brito, 2007; 2008; Pereira, 2008), ou mesmo a fraqueza da oposição (Rakner & van de Walle, 2009; Pereira, 2008), são vistos como responsáveis pelo facto de a transição democrática não ter sido completada em Moçambique, impossibilitando assim, a sua consolidação. Como aliás, acontece em muitos países africanos, que implementaram reformas democráticas no contexto da terceira onda, mas não completaram nem mostram sinais de estarem a caminhar em direcção a democratização, terminando assim numa zona cinzenta (Carothers, 2002; Diamond, 2002; Levitsky & Way, 2002; Ronning, 2010; Lynch & Crawford, 2011).

As eleições fundadoras⁴⁷ tiveram lugar em 1994. Até hoje, já foram realizadas quatro eleições gerais (1994, 1999, 2004 e 2009)⁴⁸ e estão agendadas para 15 de Outubro do corrente ano, as quintas. Foram igualmente realizadas quatro eleições autárquicas (1998, 2003, 2008 e 2013)⁴⁹. De realçar que para além de eleições autárquicas regulares, foram igualmente realizadas eleições intercalares em 2006 no município de Mocímboa da Praia, em 2011 nos municípios de Quelimane, Cuamba e Pemba e no município de Inhambane em 2012 (Nuvunga, 2012: 282).

As eleições gerais foram sempre ganhas pela FRELIMO e seus candidatos presidenciais (Joaquim Chissano e Armando Guebuza). Para além da FRELIMO, a RENAMO também conseguiu eleger representantes em todos os pleitos até aqui realizados, e é o maior partido da oposição. Fora destes dois partidos, que dominam o parlamento moçambicano, em 1994, a coligação denominada União Democrática (UD) conseguiu ultrapassar a barreira dos 5% e eleger nove membros para a Assembleia da República (de Brito, 1995: 484; 2008). Já retirada a barreira

⁴⁶ Com grande destaque para pessoas vindas da província da Zambézia, reclamando o federalismo.

⁴⁷ Estamos perante eleições fundadoras quando pela primeira vez depois de um regime autoritário (partido único), concorre-se a posições eleitorais com significância nacional em eleições razoavelmente competitivas e aberta a muitos candidatos (Bratton & van de Walle, 1997).

⁴⁸ Que elegem o Presidente da República e os deputados á Assembleia da República, e a partir de 2009 elegem igualmente membro para Assembleias Provinciais.

⁴⁹ Que elegem os presidentes dos Conselhos Municipais e os membros das Assembleias Municipais.

dos 5% em 2006, o MDM conseguiu eleger oito deputados à Assembleia da República em 2009. Os outros partidos nunca conseguiram eleger representantes á Assembleia da República.

O sistema partidário saído das eleições até aqui realizadas variou de bipartidário dominado por FRELIMO e RENAMO (surgido das eleições de 1994, 1999)⁵⁰, a sistema de partido dominante autoritário/hegemónico⁵¹ (com a FRELIMO no poder), que começou nas eleições de 2004 e se consolidou nas de 2009⁵² (Carbone, 2005; 2007; de Brito et al, 2005; Pereira, 2008; do Rosário, 2011; Forquilha & Orre, 2011; Ronning, 2010; Nuvunga, 2013).

As eleições autárquicas fundadoras tiveram lugar em 1998, mas foram boicotadas pela RENAMO e pela maioria dos pequenos partidos da oposição na sequência de controvérsias sobre a preparação e a administração das mesmas, levando com que a FRELIMO concorresse sozinha em muitos municípios (OSISA, 2009: 153; Nuvunga, 2012). O boicote da RENAMO viria a se repetir nas eleições intercalares de 2011 e 2012 (Nuvunga, 2012) e nas regulares de 2013. Não obstante, neste último pleito, o MDM concorreu ao lado da FRELIMO para a eleição de presidente e de membros a assembleias municipais em todas as autarquias (Acórdão n° 4/CC/2014).

Em termos de resultados, a FRELIMO elegeu presidentes e teve maiorias nas assembleias municipais em quase todas as eleições até aqui realizadas. A exceção vai para os municípios de Beira na província de Sofala, Angoche, Nacala-Porto e Ilha de Moçambique na província de Nampula que em 2003 a RENAMO conseguiu eleger presidentes e ter maioria nas respectivas Assembleias Municipais (Do Rosário, 2011; 2012; Nuvunga, 2012). No mesmo ano, no município de Marromeu, a RENAMO elegeu o presidente, mas a FRELIMO manteve maioria na Assembleia Municipal. Em 2008, a FRELIMO recuperou esses municípios, com exceção de Beira, que apenas conseguiu ter maioria na Assembleia Municipal e a presidência ficou nas mãos de Daviz Simango, que concorrera como independente, apoiado por um grupo de cidadãos reunidos em torno de Grupo de Reflexão para a Mudança, e que, mais tarde (em 2009) fundaria o

⁵⁰ Sobre as eleições de 1994, Luís de Brito (1995: 484) lembra que o papel político da UD acabou por ser reduzido, na medida em que a FRELIMO obteve maioria absoluta no parlamento, o que lhe retira um eventual capacidade de negociação política do seu voto na Assembleia.

⁵¹ Levitsky & Way (2002; 2012) o chamam de autoritário competitivo.

⁵² Os autores chamam-no de sistema de partido dominante autoritário ou hegemónico não apenas por ter conseguido uma maioria qualificada, mas também pela fraca competição e impossibilidade de alternância do poder. Para mais detalhes ver Carbone (2005; 2007); Forquilha & Orre (2011); Do Rosário (2011); Ronning 2010.

MDM (Chichava, 2010). Numa eleição intercalar, a FRELIMO voltaria a perder a presidência do município de Quelimane, a favor de Manuel de Araújo, como candidato do MDM em 2011 (Acórdão nº 4/CC/2011; Nuvunga, 2012). Em 2013, a FRELIMO perdeu as presidências e as maiorias nas Assembleias Municipais de Beira, Quelimane, Nampula (Acórdão nº4/CC/2014) e no município de Gurúè na eleição repetida a 8 de Fevereiro de 2014, todos a favor do MDM (Acórdão nº 5/CC/2014).

4.2 Surgimento do MDM no cenário político moçambicano

No final do seu primeiro mandato como presidente do Concelho Municipal da Beira, eleito em 2003, como candidato da RENAMO, Daviz Simango viria a ser expulso daquele partido em 2008, sob alegação de que teria violado os estatutos do partido, concorrendo como independente a sua própria sucessão depois de ter sido preterido pelo então seu partido a favor de um outro candidato (Chichava, 2010: 10; Nuvunga & Adalima, 2011).

Para além do facto de não reunir consenso na liderança do partido a nível local, especula-se que o facto de terem circulado rumores segundo os quais estaria interessado em derrubar Afonso Dhlakama da presidência da RENAMO seja a principal/real causa da sua expulsão (Chichava, 2010; Velasquez, 2011)⁵³. O facto de por diversas vezes ter sido distinguido interna e internacionalmente como o melhor presidente municipal de Moçambique, ofuscando a imagem de Afonso Dhlakama, teria reforçado a percepção, por parte de alguns círculos de opinião, de que era o homem ideal para conduzir os destinos do partido (Chichava, 2010; Nuvunga & Adalima, 2011; Velasquez, 2011).

Mesmo concorrendo como independente, tendo de enfrentar os candidatos da FRELIMO e da RENAMO, Daviz Simango voltaria a vencer em 2008 com maior percentagem do que obtivera em 2003 (61,6 contra 53,44%), numa eleição mais participada que a anterior (56 contra cerca de 30%). Entretanto, a FRELIMO conseguiu ter maioria na Assembleia Municipal (Chichava, 2010; Nuvunga & Adalima, 2011).

Na sequência dos eventos acima arrolados, o MDM foi criado na cidade da Beira em Março de 2009, tendo como principais objectivos: evitar que a FRELIMO tivesse uma maioria qualificada (2/3) nas eleições de 2009, que lhe permitisse governar sem maiores limitações, podendo até

⁵³ O mesmo se diz com relação a expulsão de outra figura, então vice-presidente da Renamo, Raul Domingos em 2000. Ver Chichava (2010) e Nuvunga & Adalima (2011)

alterar a constituição; romper com a bipolarização política (FRELIMO-RENAMO) que caracterizava o cenário político moçambicano, desde as eleições fundadoras em 1994; renovar o cenário político moçambicano (Chichava, 2010: 13; Nuvunga & Adalima, 2011).

Aquando da sua criação, ao nível da sua liderança, o MDM era maioritariamente composto por antigos membros da RENAMO entrados na dissidência, elementos do Partido de Convenção Nacional (PCN)⁵⁴, assim como elementos descontentes com a FRELIMO, mas que não se identificavam com a RENAMO (Chichava, 2010: 14; Nuvunga & Adalima, 2011).

Embora com uma linguagem mais ou menos diferente, em termos de discurso e de programas/ideologia, o MDM não parecia ser diferente da FRELIMO e RENAMO, seus maiores adversários (Chichava, 2010:16; Nuvunga & Adalima, 2011: 13)⁵⁵.

Das poucas diferenças que o MDM tem para com a RENAMO e a FRELIMO, destaca-se as seguintes: enquanto o MDM via os problemas da juventude como prioritários, os outros partidos os viam como um dentre outros; o MDM propunha a transformação do Concelho Constitucional em Tribunal Constitucional; a escolha dos presidentes dos Tribunais, Supremo, Administrativo e Constitucional por concurso público, dirigido pela Assembleia da República, e; propunha a eleição dos reitores das universidades públicas pela comunidade universitária, em vez da nomeação pelo Presidente da Republica (ibidem).

Tendo sido excluído de concorrer em sete dos treze círculos eleitorais existentes no país sob alegação de constatação de irregularidades no processo de sua candidatura, o MDM teve 3,9% dos votos, que lhe permitiram eleger oito deputados á Assembleia da República e o seu candidato presidencial obteve 8,6% dos votos, num processo dominado pela FRELIMO, que obteve 74,7% dos votos e o seu candidato, Armando Guebuza, obteve 75,2%. Por seu turno, a RENAMO obteve 17,7% e o seu candidato, Afonso Dhlakama 16,3% (Chichava, 2010; Nuvunga & Adalima, 2011).

Entretanto, o número dos deputados que o MDM conseguiu eleger (8), não lhe permitia constituir uma bancada parlamentar, dado que o Regimento da Assembleia da República exigia um mínimo de onze, mas sob pressão dos doadores internacionais, a FRELIMO aceitou fazer a

⁵⁴ Partido a que Daviz Simango era membro antes de se juntar a RENAMO.

⁵⁵ João Pereira (2008) faz menção a homogeneidade programática dos partidos políticos em Moçambique.

revisão do Regimento para que aquele partido pudesse constituir a bancada (Chichava, 2010; Nuvunga & Adalima, 2011; Velasquez, 2011).

Para além da província de Sofala, onde o partido foi fundado, o MDM conseguiu eleger três representantes através do círculo eleitoral da Cidade de Maputo⁵⁶ (Chichava, 2010; Nuvunga & Adalima, 2011).

Sobre o eleitorado do MDM, Chichava (2010: 18) já avançava com uma proposta de que depositava um voto negativo⁵⁷, dizendo que,

“se trata de um eleitorado da FRELIMO, de um eleitorado “renamista”, desiludido com a prestação da RENAMO ou, ainda, de um eleitorado que jamais se identificou com uma RENAMO incapaz de se afirmar em verdadeira alternativa política, e que via no MDM uma oportunidade para se desvincular destes dois partidos, independentemente de o partido de Daviz Simango ter ou não uma ideologia ou um programa político alternativo.”

A forma como o MDM foi criado, a sua trajectória marcada pela vitimização e exclusão parcial, leva Nuvunga & Adalima (2011) a afirmarem que deve ter atraído um segmento da população urbana que votou como sinal de protesto contra a conspiração “*FRENAMO*”, que tentava inviabilizar a institucionalização do MDM. Para estes autores, o MDM e seu presidente estão associados ao conflito geracional. Estes autores olham ainda para a FRELIMO e a RENAMO como partidos que tem mais popularidade em pessoas com idades marcadas pela criação dos mesmos (luta de libertação nacional para a FRELIMO e a guerra civil por parte da RENAMO). Sendo assim, os autores olham para o MDM como um partido com mais aceitação na camada jovem, sobretudo urbana, que não viveu esses períodos históricos, estando mais preocupada com assuntos como emprego, habitação, pobreza rural e urbana, crime, corrupção endémica, entre outros que os outros dois partidos não conseguiram resolver (ibidem).

Entretanto, antes do aparecimento do MDM no cenário político moçambicano, os resultados das eleições anteriores, mostraram que a FRELIMO monopolizava o domínio do eleitorado urbano em Moçambique, quer a avaliar pelas eleições gerais, quanto pelas locais (de Brito, 1995; de Brito et al, 2005)

⁵⁶ Facto que constituiu surpresa, dado que nenhum outro partido da oposição havia conseguido lograr este feito na história democrática do país. Ver Chichava (2010).

⁵⁷ Pelo menos nos termos abordados por Catt (1996).

Nota-se ainda, no comportamento eleitoral dos moçambicanos o voto regional (de Brito, 1995: 488; 2007: 5; 2008: 4; Pereira, 2008; de Brito et al, 2005). Nestes termos, constata-se uma clara polarização regional nos dois grandes partidos, com a FRELIMO dominando nas três províncias do sul e em algumas zonas do extremo norte, nas províncias de Cabo Delegado e Niassa e a RENAMO dominando em áreas importantes da zona centro (Sofala, Manica e Tete) e centro norte (Zambézia e Nampula) (ibidem).

Capítulo V

5 Apresentação dos resultados

Neste capítulo apresentamos os resultados do que colhemos no terreno. O guião de entrevistas (ver apêndice 1) que utilizamos apresenta as principais perguntas que colocamos aos respondentes e a forma como utilizamos as respostas de cada uma delas para testar a nossa hipótese. Recordando que a hipótese da pesquisa (suportada pela teoria do voto negativo) é a de que os eleitores do MDM votaram a favor deste partido como forma de mostrar seu descontentamento com um ou mais dos demais partidos⁵⁸, as perguntas têm em comum o facto de procurarem encontrar elementos para confirmar, quanto para refutá-la. Não obstante, o campo nos forneceu aspectos concretos bastante relevantes que as teorias que aplicamos não previam.

Para facilitar o tratamento da informação colhida no terreno, as entrevistas foram gravadas pelo telefone e depois passadas para o computador, com ajuda do qual foram transcritas. Mais tarde agrupou-se os respondentes que deram cada resposta numa tabela.

No campo não encontramos diferenças significativas entre as respostas de diferentes estratos sociais. A única excepção vai para o facto de nenhum dos respondentes que fizeram menção á aspectos pessoais/familiares vividos pelo indivíduo na sua decisão do voto ter acima de décima segunda classe.

Num esforço de sermos mais transparentes, nesta fase de apresentação dos resultados fizemos o menor número de interpretações possível, como defende que deve ser Abrahamsohn (2004). Seguindo ainda os concelhos do mesmo autor, separamos os resultados em termos de perguntas que fizemos, por vezes em termos dos assuntos que os eleitores trouxeram ao apresentar as respostas (ibidem). Tratando-se de entrevistas, com o uso de métodos qualitativos, foram feitas muitas citações do discurso dos respondentes, o que permitiu evidenciar certos tipos de respostas

⁵⁸ Importa recordar que a nossa hipótese considera a possibilidade de uma parte dos eleitores expressarem descontentamento com relação ao partido que julgam que tem mais chances de ganhar a eleição, sendo eles apoiantes de partidos que do seu ponto de vista, não tinham chance de vencer a eleição (eleitores estratégicos). E outra parte de eleitores expressar descontentamento com relação ao partido a favor de que antes votavam (sendo antigos eleitores/apoiantes da FRELIMO), ou contra os principais partidos políticos no como um todo (eleitores protestantes).

comuns e/ou particularmente distintivas (esta é uma recomendação feita por Quivy & Campenhoudt, 1992:226).

5.1 Porquê votou a favor do MDM?

O nosso objectivo geral nesta pesquisa é responder a esta pergunta. Contudo, a sua complexidade não permitiu aos respondentes responde-la em todos os contornos que a hipótese e o quadro teórico exigiam. Por isso foram feitas outras perguntas para alcançar o mesmo objectivo.

As diferentes respostas que todos os respondentes deram, convergiram na necessidade de haver mudanças de governação e/ou liderança a nível local e/ou nacional, o que significa insatisfação com o desempenho da FRELIMO a esses níveis. Contudo, em alguns casos a necessidade pela mudança leva os eleitores a votar a favor do MDM mesmo que não o vejam necessariamente como um partido melhor que o que está no poder⁵⁹, como mostra o respondente que diz:

“Se há quem diz ah, porque aquele vem com fome e vai roubar, ao menos vai roubar de menos. Este rouba de mais e não dá tecto a que as pessoas tenham uma vida digna... Sou uma pessoa que está a gritar por um grito de socorro. A gente procura outra coisa melhor. A gente não sabe o que vai encontrar lá, mas a gente procura e vai. Agora, se lá existir uma coisa melhor, vamos dizer bem-vindo, se não existir, na vida a gente tenta tudo.”⁶⁰

Em muitos casos os respondente dizem ter optado pelo MDM, porque, segundo eles, embora os estão insatisfeitos com a FRELIMO, e dizem não confiar nos demais partidos da oposição, principalmente a RENAMO, como mostram os estratos que s⁶¹e seguem,

“Eu vejo o país dividido. Temos um partido que tem o poder que tem e demonstra que o partido é o poder do Estado (a FRELIMO). Um outro partido que tem uma probabilidade de nos levar a guerra com as ameaças que faz e tudo o que vem dizendo (a RENAMO). E um partido que nem está a favor de um lado, nem do outro, mas o que quer é levar o país ao desenvolvimento, ao

⁵⁹ A percepção de se o MDM é ou não melhor que o que está no poder é subjectiva e por isso cada respondente argumenta de forma diferente que os outros. Havendo por isso respondentes que nem chegam a justificar, outros referem-se a ma governação (na avaliação de cada respondente) a nível do município de Maputo ou a nível nacional, como aspectos negativos a (des)favor da FRELIMO. Outros ainda recorrem-se a boa governação (na avaliação dos eleitores que o MDM teve na Beira e em Quelimane, os programas que o partido apresenta e a avaliação (positiva) que fazem dos líderes do MDM, para justificar a sua opinião a favor deste partido.

⁶⁰ Entrevistado 17. Entrevista concedida no bairro de Xipamanine, Maputo, a 26/07/2014.

⁶¹ Ver a nota 59.

*crescimento e a democracia, que é o Movimento Democrático de Moçambique. Eu não vejo porque votar nesses dois (FRELIMO e RENAMO)”.*⁶²

5.2 Que avaliação os eleitores do MDM fazem da governação no mandato anterior às eleições?

O objectivo com esta pergunta é de perceber até que ponto essa avaliação (negativa ou positiva) influenciou os eleitores do MDM a votar contra o partido no poder.⁶³ Nestes termos, dezasseis respondentes (64%) afirmaram que fazem uma avaliação negativa, dois (8%) dizem que a governação municipal foi razoável, mas que julgam que esperavam muito mais do que viram, e, seis respondentes (24%) afirmaram que fazem uma avaliação positiva da governação municipal, mas que o desempenho do partido FRELIMO a nível nacional influenciou mais para que votassem contra.

5.2.1 Aspectos críticos (negativos) a nível local

A deficiência dos serviços de recolha e tratamento dos resíduos sólidos foi mencionada por doze respondentes (48%); a manutenção das estradas foi mencionada por nove respondentes (36%); a resolução dos problemas às vésperas das eleições foi mencionada por três respondentes (12%); os problemas pessoais/familiares do eleitor foram mencionados por três respondentes (12%) comparação do desempenho do governo municipal antecessor foi feita por três respondentes (12%), e; problemas de habitação para os jovens foram mencionados por uma respondente (4%).

Este respondente que reprova a governação municipal diz que,

*“em quase todos os bairros está-se mal mesmo de lixo e de estradas. Se fores a ver, aqui mesmo na Avenida Tomás Ndunda, foram residentes de boa fé que taparam. O município praticamente está ali e conseguia ver, por que às vezes o presidente passa daqui. É nesse aspecto que eu vejo as coisas, há muita coisa. Esse é apenas um grande exemplo”.*⁶⁴

Mesmo achando razoável a governação municipal no mandato anterior, este respondente diz que,

“...há coisas que eu digo que são essenciais. Se tu não consegues resolver o problema das estradas e de esgotos no seu todo, que é um problema fácil de se resolver. Por exemplo, quando

⁶² Entrevistado 14. Entrevista concedida no bairro da Munhuana, Maputo, a 25/07/2014.

⁶³ As respostas que obtivemos serviram como matéria para testar diferentes teorias que o nosso quadro teórico apresenta.

⁶⁴ Entrevistado 12. Entrevista concedida no bairro Central, Maputo, a 24/07/2014.

*sai um buraco e esperas de sair o segundo, o terceiro, para depois fazeres o que fizeram aqui na Avenida de Angola e na Avenida de Trabalho. Nós não devíamos ter esses problemas”.*⁶⁵

A resolução dos problemas às vésperas das eleições é criticada nos seguintes termos:

*“O que eu reparo é que durante o mandato de cinco anos, por exemplo, esta estrada está esburacada, as pessoas passam a vida a reclamar. Mas quando faltam cinco a seis meses para as eleições a coisa é arranjada. Eles vão como o vento. Quando é o momento de estar a precisar do voto, nós vemos que afinal há muita coisa que é possível fazer, apesar de o país não ter dinheiro, não é? Arranjam e arranjam mal. Arranjam mal, que é para se estragar logo a seguir. Então, é dinheiro do erário público que está se a ir embora. Há muita coisa aqui no meio disto que não vai bem”.*⁶⁶

No que diz respeito aos problemas pessoais/familiares vividos pelos eleitores, importa realçar que, mesmo sendo cinco o número dos respondentes que fizeram menção a este tipo de problemas, apenas dois (8% dos respondentes) basearam-se completamente neles.

*“Desde que eu comecei a ser mãe, estou a ver que a vida não funciona. Me virei muito, estou a fazer negócio, mas nada. Pelo menos se eu apanhasse 1500 ou 1000mt, mas não. Agora, como posso votar na FRELIMO? Na FRELIMO há dinheiro mas para aqueles que estão lá com eles, não comigo”.*⁶⁷

Outro respondente que fez a avaliação do desempenho do governo na base dos problemas pessoais/familiares diz:

*“Sou funcionário público, mas os salários nem chegam para pagar faculdade privada para os miúdos, nem mesmo para comer. Isso acaba revoltando a qualquer um. É tempo de dizer basta, o país é para todos!”*⁶⁸

O desempenho positivo – na avaliação dos respondentes – de Eneias Comiche, antecessor de David Simango foi usado para reprovar este último, como afirma o respondente que diz,

⁶⁵ Entrevistado 14. Entrevista concedida no bairro de Munhuana, Maputo, a 25/07/2014.

⁶⁶ Entrevistado 9. Entrevista concedida no bairro de Malhangalene, Maputo, a 22/07/2014.

⁶⁷ Entrevistada 13. Entrevista concedida no bairro central, Maputo, a 24/07/2014.

⁶⁸ Entrevistado 17. Entrevista concedida no bairro de Xipamanine, Maputo, a 26/07/2014.

“...não vamos ser enganados, não governou nada bem. Até faz nos recordar do antigo presidente, que não teve a sorte de manter por muito tempo, que é o Comiche. Este criou uma, ... nos tocou os corações e desapareceu mas não sabemos porquê”.⁶⁹

A habitação para os jovens foi mencionada por uma respondente nos seguintes termos:

“Foi uma governação razoável. Mas também ainda tem muita coisa que ficou parada, que ele podia ter resolvido mas não resolveu. A questão do lixo e habitação dos jovens. Essa governação dele centrou-se muito nas infra-estruturas do que nos próprios problemas que o povo enfrenta.”⁷⁰

5.2.2 O governo municipal foi também punido pelo desempenho do partido a nível nacional

Os respondentes não foram pedidos a fazer comentários sobre a governação ou partidos políticos a nível central/nacional, mas grande parte deles (16 dos 25) o fizeram para justificar o seu voto a favor do MDM. Neste grupo, estão inclusos os seis respondentes que fizeram uma avaliação positiva da governação municipal no mandato anterior, cinco dos quais haviam votado a favor da FRELIMO em 2008 e o remanescente um diz que votou a favor da RENAMO.

Os principais alvos das críticas apresentadas por esses respondentes foram a FRELIMO, governo por si formado e em certos casos a RENAMO. Sem especificar aspectos concretos, onze respondentes (44%) afirmaram que a FRELIMO promete mas não cumpre; sete respondentes (28%) referiram-se às questões militares; três (12%) limitaram-se a dizer simplesmente que o partido governou mal ou que a FRELIMO tem tudo de errado sem justificar a sua opinião. Nos pontos que se seguem, mostramos como os respondentes tocaram cada um destes aspectos.

5.2.3 Influência das questões militares no voto a favor do MDM

No referente a questões militares, dos sete respondentes (28%) que fizeram menção, cinco (20%) referiram-se especificamente ao conflito político-militar havido na zona centro do país opondo a RENAMO e o governo formado pela FRELIMO. Os restantes dois respondentes referiram-se ao privilégio de que os antigos combatentes gozam, associado a “marginalização” – sob o ponto de vista dos respondentes – da juventude no governo e no partido FRELIMO. Associado a esses aspectos, os respondentes referem-se igualmente ao facto de perceberem que a FRELIMO reivindica privilégios, sob alegação de ter libertado o país e ao carácter belicista da RENAMO.

⁶⁹ Entrevistado 24. Entrevista concedida no bairro de Chamanculo, Maputo, a 28/07/2014.

⁷⁰ Entrevistada 22. Entrevista concedida no mercado Fajardo (bairro de Chamanculo), Maputo, a 28/07/2014.

Responsabilizando os dois partidos envolvidos na tensão político-militar esta respondente, que sempre votava na FRELIMO fala nos seguintes termos,

*“A mudança é porque não estou a ver bem o que a FRELIMO está a fazer agora. Acho que o país não está a ser bem comandado. Isso a nível do país. Na cidade de Maputo não posso dizer que está tudo bem, mas está aceitável. O país não está a ser bem governado, não por David Simango, mas por toda a FRELIMO. A FRELIMO está a deixar a RENAMO nos matar, ou os dois partidos estão a nos matar. Não posso dizer que a FRELIMO está a governar bem em Moçambique, não”.*⁷¹

Este respondente de 41 anos, critica a forma como a FRELIMO geriu a situação,

*“decidi votar no MDM quando houve a guerra de Muxungue e a FRELIMO meteu mancebos lá para serem mortos com velhos guerrilheiros, já antigos, que conhecem aquela área. Por que não levam aqueles velhos que são seguranças deles? Deviam levar seguranças do próprio Guebuza para lá. É normal capturarem estes jovens aqui e dizerem que você está a treinar, dois por três, está a apanhar um carro que vai para lá para ser morto”.*⁷²

Este jovem de 23 anos de idade começa por avaliar negativamente a FRELIMO, lançando críticas à RENAMO e por fim mostra seu apoio ao MDM,

*“Sou jovem, a minha geração foi a que mais sentiu a parte negativa da governação do partido FRELIMO, que é o partido que até agora está no poder. O MDM surge como um partido para os jovens, um partido democrático e um partido político. Ao contrário do outro partido da oposição, que é a RENAMO, que além de ser um partido político é armado. Eu não quero ver o meu país em guerra. O MDM para mim teve um discurso politicamente correcto e abrangente para toda a sociedade, por isso que votei nele”.*⁷³

Este jovem diz ser membro activo da FRELIMO mas, critica o carácter militar em si, e diz:

“Votei no MDM porque é um partido que tem objectivos claros. Na FRELIMO tem alguma coisa que eu vejo que não é boa porque considera-se muito os guerreiros. Porque lutou, então tem que ter regalias disto e mais aquilo. Então, para nós os jovens até nos dá aquela força de que vamos

⁷¹ Entrevistada 16. Entrevista concedida no bairro da Munhuana, Maputo, a 25/07/2014.

⁷² Entrevistado 20. Entrevista concedida no mercado Fajardo (bairro de Chamanculo), Maputo, a 26/07/2014.

⁷³ Entrevistado 18. Entrevista concedida no mercado Fajardo (bairro de Chamanculo), Maputo, a 26/07/2014.

*ter mais uma guerra, lutarmos também para termos essas regalias que os que lutaram antes têm hoje. São coisas obscuras. E eu não vou muito por de trás dessa situação”.*⁷⁴

5.2.4 A mudança por que clamam os eleitores do MDM é também associada com aspectos positivos no partido

Até aqui mostramos que os eleitores do MDM aspiram mudança em relação a algo que julgam ser negativo na FRELIMO e/ou na RENAMO a nível local e/ou nacional. Entretanto, os mesmos eleitores que apresentam aspectos negativos contra a FRELIMO e a RENAMO, apresentam alguns aspectos que julgam ser positivos no MDM para justificar o seu voto.⁷⁵

Nestes termos, dezoito respondentes (72%) revelaram que olham para o partido como uma alternativa de governação a nível local e nacional, quinze (60%) dos quais acrescentam que confiam e/ou acham que o partido é o melhor/ideal. Para sustentar as suas opiniões, sete respondentes (28%) referiram-se a boa governação – do ponto de vista dos próprios respondentes – que o partido teve nos dois municípios que já governou (Beira e Quelimane); quinze (60%) fazem menção ao efeito dos líderes que o partido tem a nível local (principalmente o candidato do partido Venâncio Mondlane) e a nível nacional (principalmente o presidente do partido, Daviz Simango).

No que se refere ao efeito dos municípios já governados pelo MDM e demonstração da capacidade que o partido tem para gerir o país, este eleitor mostra muita confiança no partido e diz,

*“Pela experiencia que está a haver em todos os locais, primeiro diziam que é Daviz Simango, mas em todos os locais onde o MDM ganhou as coisas estão a andar. A partir daí, eles devem ter a visão de escolher as pessoas certas. Ele haveria (Venâncio Mondlane) de se reger pela política do partido, não é? Ele não pode governar a toa. Acho que havia de mudar alguma coisa”.*⁷⁶

Este jovem, mesmo se revelando membro activo da FRELIMO, mostra admiração e vontade de ver o partido no poder,

⁷⁴ Entrevistado 10. Entrevista concedida no bairro de Malhangalene, Maputo, a 22/07/2014.

⁷⁵ Na fase de análise e interpretação dos resultados, este aspecto nos ajudou a testar as teorias de voto positivo e negativo na explicação do voto a favor do MDM.

⁷⁶ Entrevistado 9. Entrevista concedida no bairro de Malhangalene, Maputo, a 22/07/2014.

*“...eu sou membro da FRELIMO e tenho cartão de membro. Eu nunca fui a nenhuma reunião do MDM mas da FRELIMO já fui. Não sei mesmo onde é que os membros do MDM se reúnem. Mas eu admiro MDM. Admiro e gostava que um dia governasse este país”.*⁷⁷

Outro respondente diz: “o MDM é o partido que eu achei que é melhor. Também por que é um partido jovem e que não tem problemas. Até aqui ainda não tem problemas nenhuns. Eu achei melhor votar no MDM”.⁷⁸

5.3 Efeito das lideranças do MDM

A liderança do partido MDM foi mencionada por quinze respondentes (60%). Quer o candidato a nível da cidade de Maputo, quanto o presidente do partido foram mencionados por doze respondentes (48%), considerando que parte destes refere-se aos dois a mesmo tempo.⁷⁹

Este respondente de 23 anos, que disse que não votou em 2008 e 2009 por falta de interesse pela política, avalia a liderança do partido nos seguintes termos:

*“O ser humano cresce com algumas referências. Nós gostamos daquelas pessoas que nós gostaríamos que fossemos. Os nossos ídolos, neste caso. Infelizmente na nossa arena política, que é maioritariamente completada pela FRELIMO, não temos uma referência. Uma referência a nível académico e a nível retórico. Não têm uma boa linguagem, uma boa forma de ser e de estar. Na nossa arena política o jovem está a ficar distante da política porque não tem referências políticas. Não tem pessoas com as quais ele se identifique. Então, o MDM tem essas pessoas com essas características com as quais eu me identifico, por isso que me agrada. E me agrada bastante”.*⁸⁰

A liderança do partido a nível local (seu candidato) e o respectivo partido são mencionados nos seguintes termos:

“...gosto da filosofia do partido MDM e gostei também do candidato a presidente do município da cidade do Maputo, o Engenheiro Venâncio Mondlane. Por acaso é uma figura muito admirada. Antes de ele pertencer ao MDM, já aparecia na imprensa. Ele é um homem

⁷⁷ Entrevistado 10. Entrevista concedida no bairro de Malhangalene, Maputo, a 22/07/2014.

⁷⁸ Entrevistado 19. Entrevista concedida no mercado Fajardo, bairro de Chamanculo, Maputo, a 26/07/2014.

⁷⁹ A questão do efeito das lideranças foi utilizada para testar a teoria do voto personalista como alternativa as teorias que suportam a nossa hipótese. Contudo, sentimos que podíamos ter explorado mais se tivéssemos pedido a avaliação dos outros partidos, como forma de procurar avaliações negativas e/ou positivas referentes às lideranças. O que esperamos fazer nas futuras pesquisas

⁸⁰ Entrevistado 18. Entrevista concedida no mercado Fajardo (bairro de Chamanculo), Maputo, a 26/07/2014.

*transparente, fazia suas abordagens com isenção e imparcialidade... Ele é muito dinâmico, e muito expressivo. Ele é um cidadão emancipado, em termos académicos e em termos políticos.*⁸¹

Em alguns casos, o candidato contou mais para avaliação do partido, como se pode notar neste discurso:

*“Conhecendo o Venâncio pela televisão, vi que tudo o que ele fala incentiva. Ele tem aquela verdade que nós vivemos. Foi mais por aí. Daí entrei na onda. Logo que se candidatou eu decidi. O partido em si, eu não conhecia, mas conheci mais tarde. O candidato incentivou-me mais. Lhe ouvia nas entrevistas e punha sempre em mente o que ele fala e fiz comparações. Vi que ele sempre falou a verdade.”*⁸²

Embora a juventude seja um aspecto valorizado por quase todos os respondentes, existe casos em que é vista com alguma suspeita, por parte do candidato do partido a nível da cidade de Maputo, mas que é recompensada pela maturidade percebida do líder do partido a nível nacional.

*“Não sei se ele (Venâncio Mondlane) vai aceitar o que nós a juventude queremos. Porque Daviz Simango e Venâncio Mondlane são diferentes. Daviz Simango é uma pessoa grande e quando você diz alguma coisa, ele primeiro pensa, porque sabe que o que estou a dizer é aquilo que quero e ele faz, mas Venâncio Mondlane, no momento que vai decidir, é porque ele quer que seja assim, enquanto que não é assim. Ele tem que ouvir quantas pessoas reclamam, porquê e como, depois tomar a decisão. Eu acho que Daviz Simango primeiro deixa as pessoas falarem e dá a palavra dele no final, depois de entender se dá ou não”.*⁸³

5.4 Que resultado os eleitores esperavam ao votar a favor do MDM?

Importa recordar que o tipo do resultado que os eleitores esperam ao votar num partido diferente do a favor de que votavam nas eleições anteriores (ou de sua primeira preferência), é uma das diferenças entre o voto estratégico e o voto de protesto. Para obtermos informação relevante para esta pergunta, colocamos aos respondentes a pergunta da seguinte forma: “nestas eleições, acha que o MDM tinha ou não chances de ganhar? Porquê a resposta? Será que isso lhe influenciou a votar neste partido?”.

Nestes termos, todos os eleitores do MDM desejavam a vitória do partido e do respectivo candidato. Vinte e quatro respondentes (96%) sentiam que o partido tinha uma real chance de ganhar á altura em que votaram. Deste número, doze (48%) julgam que só não venceu por causa

⁸¹ Entrevistado 1. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazão Mazula, bairro da Coop, Maputo, a 21/07/2014.

⁸² Entrevistada 23. Entrevista concedida no bairro de Chamanculo, Maputo, a 29/07/2014.

⁸³ Entrevistada 13. Entrevista concedida no bairro Central, Maputo, a 24/07/2014.

de fraude e os outros doze (48%) não fazem nenhum comentário com relação à fraude. Entretanto, um (4% dos respondentes) julga que de princípio não pensava que o MDM tinha chance de ganhar, mas depois percebeu que só não ganhou por causa da fraude. Importa ainda referir que dezoito respondentes (72%) julgaram que foram influenciados pela percepção que tinham de que o MDM ia vencer a votar neste partido. Embora querendo-a, os restantes sete (28%) depositaram o seu voto sem necessariamente esperar a vitória, mas por que estavam a votar no partido que achavam que era a melhor escolha para governar a cidade.

Este eleitor expressa a sua convicção na vitória do MDM nos seguintes termos:

“Eu estava muito convicto de que o MDM e o seu candidato iriam ganhar as eleições autárquicas, as condições legais estavam criadas. Talvez o que falhou para a nossa derrota seja o envio dos fiscais nas mesas e assembleias de voto. Eu creio que se tivéssemos estado presente em todas as mesas de voto, o MDM levaria o município da cidade de Maputo”.⁸⁴

Este eleitor que mesmo não tendo sido influenciado pela ideia de que o partido ia ganhar, tem uma crença forte de que o partido só não ganhou por causa da fraude,

“Para mim, o MDM ganhou. Houve corte de energia em alguns distritos municipais durante a contagem dos votos. Ou se não ganhou, por que é que surgiram aqueles problemas? Aqui na zona urbana o partido no poder perdeu. Uma pergunta, se perdeu na zona urbana, onde as condições são melhores, como é que ganha na periferia, onde as pessoas têm piores condições de vida? Quer dizer, é muito estranho”.⁸⁵

Existem casos em que o desejo de ver o partido vencer associado a percepção de que só não venceu por causa da fraude, leva alguns eleitores a se decepcionarem e ponderarem não voltar a votar mais no futuro, como revela esta respondente:

“Por mim, não ia votar mais. Eu votei no MDM, fiquei na torcida, cruzei os dedos, fiz todas as orações possíveis, mas, o que estamos a ver é que aqui neste país até podemos dizer que, ah, o meu voto conta, eu voto, eu vou votar e o meu voto é mais um. Mas, o partido em que irá votar, se não for o partido no poder não irá ganhar”.⁸⁶

⁸⁴ Entrevistado 1. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazão Mazula, Maputo, a 21/07/2014.

⁸⁵ Entrevistado 9. Entrevista concedida no bairro de Malhangalene, Maputo, a 22/07/2014.

⁸⁶ Entrevistada 2. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazão Mazula, Maputo, a 21/07/2014.

Este eleitor que não faz nenhum comentário sobre a fraude, mostra-se otimista quanto ao futuro do partido,

“Tinha a convicção de que o MDM ia ganhar as eleições. E isso me influenciou a votar neles. Cada um tem direito ao seu voto, então eu fiz isso porque eu gostaria que as coisas mudassem. Eles ainda estão a começar, e estão a começar muito bem. Tudo começa de baixo até chegar até um certo nível. Podem até liderar este país, por mais que seja daqui a 10 anos, e podem até ser menos que isso”.⁸⁷

5.5 Que peso os eleitores do MDM acham que o partido tem por onde conversam sobre a política?

Quase todos os entrevistados que responderam a pergunta (22 correspondentes a 88%) afirmaram que por onde conversam sobre a política o MDM é muito forte, dos quais catorze (56%) acrescentam que é principalmente forte nos jovens. Os restantes três respondentes (10) não responderam a pergunta. Entretanto, uma respondente revelou que depois de a RENAMO ter anunciado que ia concorrer nas eleições gerais do ano em curso, todos os seus colegas voltaram a apoiar aquele partido, com o qual sempre se identificaram.

Este respondente por exemplo fala nos seguintes termos,

“Quase todos os jovens estão a apostar no MDM. Existe um e outro que diz que ainda vota na FRELIMO por ser partido dos pais... então é aquilo de não querer sair daquela fé. Naquela seita, naquele ambiente da FRELIMO”.⁸⁸

5.6 Quando é que os eleitores do MDM tomaram a decisão de votar no MDM em 2013?

A informação colhida através desta pergunta permitiu perceber até que ponto os eleitores do MDM são voláteis/flutuantes, como também deu algumas pistas para testar a teoria de identificação/lealdade partidária. Este exercício será feito na análise e interpretação dos resultados.

Nestes termos, vinte respondentes (80%) afirmaram que decidiram votar no MDM muito antes da campanha eleitoral, antes até de conhecer os candidatos dos diferentes partidos. Outros dois (8%) dizem que decidiram votar no MDM logo que os candidatos foram apresentados, mas antes

⁸⁷ Entrevistado 5. Entrevista concedida no bairro da Coop, Maputo, a 22/07/2014.

⁸⁸ Entrevistado 10. Entrevista concedida no bairro de Malhangalene, Maputo, a 22/07/2014.

da campanha, dois (8%) dizem ter tomado a decisão no decurso da campanha e remanescente um (4) não respondeu à pergunta.

Entretanto, o facto de muitos respondentes terem decidido votar no MDM muito antes da campanha eleitoral, não significa que ela seja um factor totalmente negligenciável para esses mesmos eleitores. Estes eleitores mostram que a tomada de decisão de votar a favor do MDM que fizeram, foi no sentido de terem predisposto a o fazer, mas a campanha também lhes serviu para tornar forte o desejo de votar a favor do partido, como podemos ver do eleitor que diz:

*“(decidi votar no MDM) muito antes da campanha mesmo. E quando começou a campanha fui vendo o que o candidato ia falando fui me entregando mais. Cada vez mais tendo certeza de que o que eu quero é isto e o meu voto vem para aqui”.*⁸⁹

A parte dos eleitores que tomaram a decisão de votar no MDM depois de conhecer os diferentes candidatos e/ou do começo da campanha (no total são 4, correspondentes a 16%), mostra que popularidade do candidato e as propostas que o partido apresentou no decurso da campanha e o carácter juvenil dos membros do MDM, estão entre os principais factores que influenciaram os eleitores que decidiram votar a favor do MDM em momentos mais atrasados. É exemplo o que esta entrevistada responde:

*“(decidi votar no MDM) Quando apresentaram os candidatos e vi que tem um candidato influente e quando apresentaram também as perspectivas do partido. Existe também o exemplo da cidade da Beira. Tenho uma grande admiração pelo candidato do MDM e pelo próprio partido”.*⁹⁰

5.7 Em quem os eleitores do MDM votavam antes da criação deste partido?

Para obter esta informação, perguntou-se aos eleitores em quem votaram em/até 2008. Alguns dos nossos respondentes não puderam votar por que estiveram de viagem, outros por terem perdido os seus documentos de identificação. A estes perguntamos, em quem teriam votado se não tivessem tido esses constrangimentos?⁹¹

⁸⁹ Entrevistado 4. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazão Mazula, Maputo, a 22/07/2014.

⁹⁰ Entrevistada 22. Entrevista concedida no mercado Fajardo, no bairro de Chamanculo, Maputo, a 28/07/2014.

⁹¹ As respostas a esta pergunta forneceram informação que permitiu separar os eleitores que podem ser explicados através da teoria do voto de protesto e os que podem ser interpretados através da teoria de voto estratégico. Este exercício é feito na análise e interpretação dos resultados.

Catorze respondentes (56%) afirmaram que sempre votaram na FRELIMO antes da criação do MDM, quatro (16%) afirmaram que sempre votaram na RENAMO, cinco (20%) abstiveram-se deliberadamente, uma (4%) não votou por ter perdido os documentos, mas não sabe em quem teria votado e uma (4%) depositou um voto em branco, por não ver alternativa viável. Importa realçar que os abstencionistas que apresentamos, são referentes ao ano de 2008 e que dos cinco (20%) mencionados três (12%) votaram em alguma vez a favor da FRELIMO, nos tempos em que o presidente da República de Moçambique era Joaquim Chissano (nas eleições gerais de 1994 e/ou de 1999 e nas autárquicas de 1998 e/ou de 2003), mas ficaram decepcionados e pararam de votar, e os restantes dois (8%) respondentes, em 2008 estavam a ter a primeira oportunidade de votar, por terem atingido idade eleitoral depois de 2004.

Entretanto, apesar de a FRELIMO ser o partido que era mais votado pelos eleitores do MDM antes da criação deste partido, alguns desses eleitores revelam insatisfação com a FRELIMO ainda no período em que nela votavam. Estes eleitores mostram que votavam a favor da FRELIMO como o partido de sua primeira preferência entre os que existiam, vendo-o como o “menos mau” e não como “o melhor”. Por isso, justificam o seu voto com a ausência de uma alternativa viável. É exemplo disso o respondente que diz, “como ainda era a FRELIMO, só podíamos votar naquilo que existia. Mas não por preferência, por ver que é isso mesmo, vamos fazer o quê?”.⁹²

Entre os antigos eleitores da FRELIMO, incluímos a respondente que disse que em 2008, esteve de viagem, mas já havia decidido votar na FRELIMO, caso a viagem não tivesse lhe impedido de votar, mas não estava muito satisfeita com o partido, e diz:

“Para lhe ser sincera, se não tivesse estado de viagem em 2008 teria votado no partido no poder. Simpatizava-me pela FRELIMO porque não existia nenhum outro partido credível. A filosofia da oposição não me convencia, mas ao mesmo tempo não estava muito satisfeita com o partido no poder. Encontrei uma alternativa no MDM”.⁹³

A insatisfação pelo partido no poder, associada a ausência de alternativa credível – na visão dos eleitores - na oposição, justificou muitos casos de abstenção (3 dos 5), como este respondente evidencia:

⁹² Entrevistado 12. Entrevista concedida no Bairro Central, Maputo, a 24/07/2014.

⁹³ Entrevistada 22. Entrevista concedida no mercado Fajardo, no bairro de Chamanculo, Maputo, a 28/07/2014.

*“Eu votei na FRELIMO apenas nas primeiras eleições, mas depois disso fiquei decepcionado com o andar das coisas e fiquei. Agora é o momento em que acho que existe o MDM, por isso que agora tenho votado. Desde que votei em 1994, só votei agora nestas últimas eleições autárquicas”.*⁹⁴

5.8 Se a RENAMO tivesse concorrido, em quem teriam votado os seus antigos eleitores?

É importante recordar que apenas quatro respondentes (16%) afirmaram que votavam a favor da RENAMO antes da criação do MDM. Deste número, três (75% dos antigos eleitores da RENAMO) afirmaram que votariam igualmente no MDM e um (25% dos antigos eleitores da RENAMO) afirmou que não tinha uma escolha certa entre os dois partidos.⁹⁵

Entretanto cada um destes eleitores tem uma causa diferente para sustentar a sua decisão de mudar da RENAMO para o MDM, o que em parte pode ser explicado pelo facto de não termos conseguido encontrar muitos respondentes que votaram a favor deste partido no passado.

Referindo-se às confusões que levaram á expulsão de Daviz Simango da RENAMO (que mais tarde fundaria o MDM) um respondente diz:

*“A grande motivação para a minha mudança da RENAMO para o MDM foram aquelas confusões todas, aquelas expulsões injustas e infundadas, na minha óptica. Então, nos últimos cinco anos, nas conversas de café sobre política, fui fortificando a minha simpatia, e, agora acho que percebo bem a filosofia política do MDM”.*⁹⁶

Outra respondente acusa a RENAMO de colaborar com a FRELIMO, quando esta mal conta a história de Mocambique, e diz:

*“O que me fez mudar da RENAMO é que a história de Moçambique está cheia de mentiras. Se a FRELIMO mentiu sobre a história do primeiro tiro, é porque a RENAMO deixou, por que sabia”.*⁹⁷

E por fim, temos uma respondente que se refere a sua situação pessoal consubstanciada com a não aparição pública do respectivo líder da RENAMO para justificar a sua mudança, e diz: “Votar na RENAMO? Não muda nada na minha situação, porque estão muito longe de mim”.⁹⁸

⁹⁴ Entrevistado 9. Entrevista concedida no bairro de Malhangalene, Maputo, a 22/07/2014.

⁹⁵ As respostas que os respondentes deram a esta pergunta, serviram de matéria para um teste mais aprofundado da teoria de voto estratégico (uma forma do voto negativo) na fase de análise e interpretação dos resultados.

⁹⁶ Entrevistado 1. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazão Mazula, Maputo, 21/07/2014.

⁹⁷ Entrevistada 7. Entrevista concedida no mercado Janet no bairro da Coop, Maputo, a 22/07/2014.

Por seu turno, o respondente que não tem uma escolha certa entre o MDM e a RENAMO justifica-se nos seguintes termos: “eu não vejo muita diferença entre os dois. O que eu não quero mesmo é acreditar na FRELIMO. O que eu quero é a mudança”.⁹⁹

5.9 Existe algum partido no qual os eleitores do MDM nunca votariam?

Tendo em vista colher informação que possa servir de matéria para testar a teoria de identificação partidária negativa, os eleitores foram convidados a responder a pergunta colocada neste ponto.

A RENAMO é o partido que mais eleitores do MDM julgam que nunca (ou pelo menos a curto e médio prazo) votariam, sendo que nove respondentes (36%) afirmaram que nunca votariam neste partido; cinco (20%) afirmaram que nunca votariam na FRELIMO, um (4%) afirmou que nunca votaria quer na FRELIMO quanto na RENAMO. Três (12%) afirmaram que não votariam em qualquer um dos restantes partidos, excluindo a FRELIMO, RENAMO e MDM. Entretanto, nove respondentes (36%) afirmaram que ponderam votar a favor de qualquer partido a qualquer momento, sendo que as propostas que o partido fizer, foram indicadas como o principal factor que pode jogar a favor de um ou de outro partido.

Os respondentes que afirmam que nunca votariam na FRELIMO, dificilmente dizem algo de concreto para sustentar o seu sentimento de que nunca votariam no partido. Não obstante, em alguns casos foram mencionados (sem aprofundar) aspectos como o facto de ser visto como um partido que recorre a força para resolver os seus problemas, o facto de ser percebido como um partido que faz muitas promessas que depois não cumpre, o que está associado a má governação. Por seu turno, dos poucos respondentes que dizem que nunca votariam na RENAMO que justificam o seu sentimento referem-se às atrocidades da Guerra Civil (de 1976-1992), à tensão político-militar havida na zona centro do país e à descrença que têm em relação ao líder do partido, Afonso Dlakama. É exemplo disso o respondente que diz,

“Um partido que eu nunca votaria nele é a RENAMO. Felizmente não vivi a guerra dos dezasseis anos. Mas as histórias que os nossos avós nos contam, fazem nos levantar certas questões. Essas pessoas que foram capazes de queimar, violar, assassinar, estuprar, eu hei de ter a coragem de votar para serem ídolos do meu país? Esse é o primeiro aspecto. O segundo aspecto é o que eles têm andado a fazer lá em Muxungue. Até que Muxungue é apenas uma referencia, mas é entre o

⁹⁸ Entrevistada 13. Entrevista concedida no bairro Central, Maputo, a 24/07/2014.

⁹⁹ Entrevistado 4. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazão Mazula, Maputo, a 22/07/2014.

rio Save e, ... matam pessoas inocentes, pessoas que não têm como se defender, pessoas que não têm nenhuma influência na situação política do país. Então, por esses motivos, eu nunca votaria no partido RENAMO. A não ser que um dia talvez mude.”¹⁰⁰

Depois de apresentados os resultados, o capítulo que se segue é dedicado à respectiva análise e interpretação.

¹⁰⁰ Entrevistado 18. Entrevista concedida no mercado Fajardo, bairro de Chamanculo, Maputo, a 26/07/2014.

Capítulo VI

6 Análise e interpretação dos resultados

Nesta secção, fazemos uma triangulação entre a evidência que colhemos no campo e as teorias que nos propomos a discutir. Desta feita, vamos procurar ver se a evidência que colhemos no campo confirma ou refuta as proposições que as teorias que apresentamos previamente fazem. Da mesma forma que fizemos na apresentação do quadro teórico, começamos por testar as teorias enquadradas na teoria do voto positivo, e terminamos por teorias enquadradas no voto negativo, estas últimas, nas quais se baseia a nossa hipótese.

6.1 Teoria de identificação/lealdade partidária

Tendo em linha de consideração que, á altura das eleições o MDM não tinha cinco anos sequer de existência, é ainda prematuro fazer proposições seguras, que nos levem a concluir se os eleitores do partido têm ou não um comportamento explicável através desta teoria. Um dos principais constrangimentos para tal exercício é o facto de esta teoria dizer que a identificação partidária é constituída por um longo processo de socialização, desde a infância dos eleitores até a fase adulta. Outro constrangimento, prende-se com o facto de esta teoria assegurar que os eleitores passam a votar no mesmo partido em diferentes eleições regularmente, o que não é possível testar a esta altura.

Entretanto, na apresentação dos resultados, mostramos que grande parte dos eleitores do MDM tomou a decisão de votar neste partido bem antes da campanha eleitoral e da apresentação dos candidatos. Outros eleitores afirmam que confiam e julgam que o partido é o melhor. Alguns destes eleitores acrescentam ainda que “o MDM é para o futuro”¹⁰¹. Todos estes eleitores, criaram uma predisposição em votar a favor do MDM antes de apresentar os seus programas de governação para esta eleição específica, sendo que a campanha eleitoral apenas foi usada para confirmar e fortificar a sua identificação. Podemos usar esses elementos como sinais de estarem a ser criados laços de identificação partidária entre os eleitores e o partido, que só será possível testar com mais consistência no futuro, quando o partido tiver mais tempo de existência.

¹⁰¹ Entrevistada 17. Entrevista concedida no bairro da Munhuana, Maputo, a 25/07/2014.

Usando a teoria identificação partidária negativa, notamos que os sentimentos negativos que os eleitores têm com certos partidos (principalmente a FRELIMO e a RENAMO) justificam o seu não voto a favor desses partidos, mas que não é suficiente para justificar o voto a favor do MDM.

6.2 Teoria de voto de classe

Os métodos que usamos associados aos recursos (financeiros, humanos e de tempo) á nossa disposição tornaram impossível testar com profundidade esta teoria. Dado que, exige a aplicação de inquéritos, com amostras aleatórias a um número relativamente mais amplo da população para assegurar a generalização dos resultados, aplicando métodos quantitativos.

Não obstante, ao perguntarmos *que peso os eleitores do MDM acham que o partido tem por onde conversam sobre a política*, quase todos asseguram que era muito forte, grande parte dos quais acrescentou que era muito forte principalmente entre as camadas jovens. Mas do que isso, acrescentaram que o MDM preocupa-se muito com os problemas que a juventude enfrenta e que os mais velhos votam persistentemente na FRELIMO pelo facto de terem em mente a ideia de que o partido lhes libertou do colonialismo. Ora, estes elementos mostram que os eleitores associam os dois partidos (FRELIMO e MDM) a dois estratos sociais diferentes, os jovens e os mais velhos, sem especificar a idade em concreto, o que pode ser usado como evidência de existência, não necessariamente de voto de classe, mas sim geracional¹⁰².

6.3 Efeitos do contexto

Tendo em linha de consideração que todos os vinte e sete respondentes que responderam a pergunta sobre o peso que o partido tem por onde conversam sobre a política, afirmaram que o partido era muito forte, consubstanciado com o facto de vinte e oito respondentes terem sentido que o partido tinha condições de ganhar, vinte e dois dos quais, acrescentaram que foram influenciados por essa ideia para optar pelo partido, podemos afirmar com segurança que os efeitos do contexto em que os eleitores do MDM conversam sobre a política foram muito influentes na sua decisão de votar a favor deste partido.

¹⁰² Alias, Sérgio Chichava (2010) e Adriano Nuvunga & José Adalima (2011), avançavam com a hipótese de o MDM esta a beneficiar de voto geracional depositado por uma camada relativamente mais jovem do que a que vota a favor da RENAMO e da FRELIMO.

6.4 Voto étnico

Embora esta teoria enquadra-se na teoria de voto positivo, testa a nossa hipótese pelo facto de que um voto positivo a favor de um partido que está associado ao grupo étnico do eleitor, muitas vezes coincide com voto negativo contra o partido ligado a um grupo étnico diferente.

Contudo, a questão do voto étnico quase que não se fez sentir nas entrevistas. Nenhum dos respondentes associou o seu voto ao grupo étnico a que pertence, muito menos associar um partido a um grupo étnico específico. Entretanto, uma das respondentes referiu-se ao facto de grande parte dos seus colegas, membros da RENAMO, terem votado no MDM, tendo os mesmos regressado àquele partido logo que anunciou a sua participação nas eleições gerais que se avizinham, justificando tal acção por motivações étnicas:

*“Infelizmente o MDM não é maioria aqui no mercado (Janet). Porque todos aqui, são ‘machuabos’ e todos eles vão pela mesma opinião e voltaram para a RENAMO. Mas no ano passado, votamos todos nós no MDM, mas depois que o presidente deles voltou ficamos numa divisão”.*¹⁰³

6.5 Modelo económico do voto

A evidência colhida no campo leva nos a concluir que os eleitores do MDM tiveram um comportamento amplamente explicável por esta teoria. Nestes termos, os eleitores escolheram o MDM como o partido que lhes forneceria maior fluxo de utilidade, não necessariamente melhor renda de utilidade¹⁰⁴.

Ora, ao pedirmos os eleitores para fazer uma avaliação do governo municipal no mandato anterior, notamos que grande parte deles faz uma avaliação negativa, e, ao mesmo tempo julga que se o MDM tivesse estado no poder no mesmo período teria feito melhor. Analisamos ainda as respostas dos eleitores que afirmaram que faziam uma avaliação positiva da governação municipal no mandato anterior, e notamos que depois dessa avaliação, mostram descontentamento com partido FRELIMO a nível central/nacional, julgando política nacional mais importante que a local. Esses eleitores mostraram que tinham crença de que o MDM faria ainda melhor no mesmo período, se tivesse estado no poder e têm a mesma crença com relação

¹⁰³ Entrevistada 7. Entrevista concedida no mercado Janet, no bairro da Coop, Maputo, a 22/07/2014.

¹⁰⁴ Ao falar dos termos renda de utilidade e fluxo de utilidade referimo-nos no sentido que Downs (1999) os apresente. Para este autor, a renda de utilidade são os benefícios que um certo partido fornece ou forneceria num mandato estando no poder, e o fluxo de utilidade é a renda que o eleitor percebe que recebe ou receberia no mesmo período de um partido estando no poder.

ao futuro. Estes eleitores vêem o partido como uma alternativa de governação a nível local e nacional e por isso queriam vê-lo a vencer a eleição.

Entretanto, existem alguns casos de respondentes que deram respostas que esta teoria tem algumas limitações para explicar. Tal é o caso de um antigo eleitor da RENAMO, que revelou ter gostado da governação local, e acredita que se os seus eleitores continuarem a apostar no partido, a FRELIMO pode fazer ainda melhor, mas que votou contra este partido simplesmente por que não quer acreditar na FRELIMO e diz, “o que eu não quero mesmo, é acreditar na FRELIMO”¹⁰⁵, mostrando que não gosta da FRELIMO por factores alheios ao seu desempenho no poder. Outro exemplo é do entrevistado que, apesar de fazer uma avaliação negativa do partido FRELIMO quer a nível nacional, quanto a nível local, afirma que votou de “olhos fechados”, e que “a gente não sabe o que vai encontrar lá, ... se [o que o MDM nos trazer] for bom, vamos dizer bem-vindo, se não for, pelo menos tentamos”¹⁰⁶. Mas se olharmos para o modelo económico em termos de punição de maus governos e reeleição de bons, este último eleitor continua com um comportamento racionalmente explicável, por ter punido aquele que para si é mau governo, votando na oposição.

Uma análise mais atenta do comportamento dos eleitores do MDM revela que muitos dos que votaram na FRELIMO em/até 2008 (alguns até 2009), o faziam, mas não estavam felizes com o desempenho do mesmo nos mandatos anteriores, o que leva o modelo económico/racional de voto a ter limitações em explicar este comportamento. Sobre este assunto, aprofundaremos mais afrente quando discutirmos o voto de protesto.

6.5.1 Voto sociotrópico ou pocket book

A evidência que colhemos, mostra que o voto a favor do MDM é mais sóciotrópico do que *pocket book*. Como mostramos na apresentação dos resultados, quase todos os respondentes fazem julgamento dos problemas e virtudes que cada partido tem, olhando para a relação desse partido com a sua comunidade. Ou seja, os eleitores falaram mais de problemas de governação a nível nacional, a nível municipal e em alguns casos recorrendo a exemplos evidentes nos bairros em que moram. Entretanto, cinco respondentes referiram-se a problemas pessoais como,

¹⁰⁵ Entrevistado 4. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazao Mazula, bairro da Coop, Maputo, a 22/07/2014.

¹⁰⁶ Entrevistado 17. Entrevista concedida no bairro de Xipamanine, Maputo, a 26/07/2014.

desemprego e baixas condições de trabalho. Destes cinco, três (entrevistados 2, 5 e 7) fizeram menção aos problemas pessoais de forma marginal, sem os ter como prioritários. Apenas dois respondentes (14 e 19) é que fizeram quase todo o seu julgamento de acordo com problemas pessoais/familiares. E, só estes últimos são explicados pela teoria de *pocket book*.

6.6 Voto personalista

Como pudemos ver na apresentação dos resultados, grande parte dos eleitores faz menção a influência dos líderes na sua decisão do voto. A nível local, o facto de o candidato do partido ser conhecido de antes de ser membro do MDM, através da televisão a fazer análises sobre assuntos políticos, de forma que inspirou confiança aos telespectadores eleitores e o facto de ser jovem, contou mais a seu favor, e por isso foi mencionado por doze (48%) respondentes.

A liderança do partido a nível nacional mereceu destaque especial para outros doze (48%) respondentes. Estes referiram-se à capacidade de retórica do seu presidente, aos trabalhos feitos no município da Beira. E em alguns casos, a sua maturidade cintando-se igualmente o município de Quelimane e o respectivo presidente¹⁰⁷.

A despeito de as lideranças terem sido preponderantes para o desempenho eleitoral do partido, não foram vistas como mais importantes que o próprio partido. Quase todos os respondentes que fizeram menção ao efeito dos líderes, mostraram igualmente confiança ao partido como um todo, em certos casos referiram-se à capacidade do partido em escolher pessoas certas. O que significa que a teoria do voto personalista dá seu contributo na explicação do comportamento dos eleitores do MDM, deixando espaço também para as outras teorias explicarem o mesmo fenómeno.

6.7 Teorias do voto negativo

É a este nível importante recordar que a hipótese principal deste trabalho tem a sua sustentação teórica na teoria do voto negativo, que por sua vez, subdivide-se em voto de protesto e voto tático/estratégico.

Para testar esta teoria, incluímos no nosso guião de entrevistas a pergunta: “porquê votou no MDM?” Com esta pergunta, tivemos respostas que nos ajudaram a perceber se os sentimentos que lhes levaram a votar a favor do MDM são mais negativos ou positivos. Com mais perguntas de insistência pudemos perceber se o voto negativo depositado é estratégico ou de protesto.

¹⁰⁷ Manuel de Araújo, que é presidente do município pelo MDM e teve uma governação que mereceu uma avaliação positiva, por parte dos respondentes.

Procuramos saber por exemplo sobre os resultados esperados no voto a favor do MDM, a opção nas eleições anteriores, entre outras.

Todos os respondentes referiram-se á necessidade de haver mudanças na governação a nível local e/ou a nível nacional. Clamam por mudanças porque estão insatisfeitos com a governação no momento das eleições ou no passado mais recente. Essa insatisfação é principalmente com a governação local e/ou nacional, e, em alguns casos, com a resposta que os outros partidos da oposição (principalmente a RENAMO) parecem estar dispostos a dar.

A despeito de os eleitores mostrarem insatisfação com a governação a nível local e/ou nacional, mostram igualmente que tem uma crença forte de que o MDM é um partido que tem capacidade e vontade de governar melhor. Como podemos mostrar na apresentação dos resultados, vários são os argumentos que apresentam para tal sustentação, mostrando que aprovam o partido.

Sendo que a teoria do voto negativo subdivide-se em dois tipos, passamos de seguida a interpretar a evidência a luz dos dois subtipos de voto negativo, o de protesto e estratégico.

6.7.1 Voto de protesto

Como pudemos aprofundar no capítulo do quadro teórico, os depositantes do voto de protesto votam num partido diferente do que votavam nas eleições anteriores, e tal fazem a favor de terceiros partidos. Este voto é depositado contra o partido no poder, quando se sente que não tem a sua posição ameaçada e tiver se comportado mal no mandato anterior. O voto de protesto é também depositado contra o sistema político como um todo, ou seja, os principais partidos no geral, mas sempre é depositado a favor de um partido que o seu depositante julga que não vencerá a eleição. Os depositantes deste tipo de voto não têm a intenção de escolher um vencedor, mas sim de reduzir a quantidade de votos que o partido mais detestado (geralmente no poder) tem, como forma de lhe avisar que uma parte do seu eleitorado está insatisfeita, e assim obrigá-lo a mudar de comportamento para recuperar os votos desse mesmo eleitorado no futuro.

Dito isto, só podemos usar esta teoria para interpretar o comportamento de três grupos de eleitores, nomeadamente, (1) os que votaram votado na FRELIMO em/até 2008; (2) a eleitora que estava indecisa (não tendo votado por perca de documentos de identificação) e; (3) os que deliberadamente se abstiveram. Incluímos a eleitora indecisa e os que deliberadamente se abstinham, pelo facto de a sua preferência (ou não preferência) política ter sido conservadora. Ou

seja, não votaram contra o partido no poder (ou contra o sistema político como um todo), sinal de que a sua acção mantinha o *status quo*, e o voto a favor de um partido da oposição em 2013 seja forma de manifestar a sua insatisfação com o *status quo* ou pelo menos pelo partido no poder.

Ora, os resultados que apresentamos acima, revelam que os eleitores do MDM de todos os grupos de eleitores que referimos serem interpretáveis a luz da teoria de voto de protesto, justificam a sua acção de votar a favor deste partido, pelo mau – do ponto de vista dos eleitores - desempenho do partido governante no mandato anterior a nível local e/ou nacional. Justificam igualmente a sua acção pela incapacidade percebida dos demais partidos políticos em dar uma resposta satisfatória. Isto é evidência parcial para confirmar o voto de protesto, quer contra a FRELIMO, quanto contra os sistema político (principais partidos, principalmente a FRELIMO e a RENAMO) no seu todo. Entretanto, tendo em linha de consideração que, a evidência que apresentamos, mostra que estes mesmos eleitores tinham o desejo de ver o partido FRELIMO derrotado e o partido MDM vencer aquela eleição, para além de que quase todos (excepto 2) respondentes sentiam que o partido (MDM) tinha uma real chance de vencer a eleição, a teoria de voto de protesto, pelo menos na forma como foi formulada, fica incapacitada de explicar na íntegra o comportamento destes mesmos eleitores.

Mais do que testar a teoria, e ver que é parcialmente confirmada e parcialmente refutada, a evidência que colhemos, permitiu-nos captar elementos que podemos usar de hipóteses para explicar as limitações da teoria do voto de protesto em explicar este fenómeno.

Nestes termos, notamos que grande parte dos que se abstiveram deliberadamente em/até 2008, o fizeram como sinal de insatisfação com o partido no poder, ao mesmo tempo que não confiavam em nenhum dos partidos da oposição então existentes. Pelo que grande parte dos que abstiveram em 2008, votaram em alguma (s) vez/es no passado a favor da FRELIMO nos tempos em que o Presidente da República de Moçambique era Joaquim Chissano (nas eleições gerais de 1994 e/ou de 1999 e nas autárquicas de 1998 e/ou de 2003).

Ademais, grande parte dos então eleitores da FRELIMO, mostram que, já estavam insatisfeitos com o partido, mas que persistiam a votar naquele partido por que não viam uma alternativa viável nos partidos da oposição que existiam. E o voto a favor do MDM é também sinal de apoio a este partido. Esta reflexão mostrou-se válida, inclusive para os eleitores que em 2009 votaram a

favor da FRELIMO. Estes últimos justificam a sua acção referindo que ainda não confiavam no MDM devido ao seu pouco tempo de existência.

Dito isto, recuamos à teoria de voto de protesto e vemos que ela se refere a uma insatisfação a curto prazo. Ou seja, uma insatisfação provocada por algumas condutas do/s partido/s contra que se vota no decurso do mandato anterior a eleição em curso. E, no caso dos eleitores que nos propomos a estudar, mostram insatisfação com a FRELIMO que data de antes do mandato anterior, o que a teoria de voto de protesto não prevê.

Desta feita, observamos que, enquanto a insatisfação pelo partido no poder num período não superior a um mandato leva (não necessariamente) os seus eleitores ao desejo de depositar um voto de chamada de atenção, votando num partido diferente (como a teoria de voto de protesto afirma), os eleitores do MDM mostram que quando essa insatisfação dura por um período mais longo – no caso, mais de um mandato – leva a que os eleitores tenham o desejo de ver esse partido derrotado.

A atitude destes eleitores que se mostram insatisfeitos desde um período anterior a 2008, mostra que os que se abstiveram e os que ficaram indecisos, usaram isso como forma de mostrar sua insatisfação, como forma de coagir o partido no poder a mudar de comportamento se quiser seu voto. Pelo que a falta de uma resposta satisfatória depois do protesto (não votando) associada ao agrado que tiveram pelo outro partido (MDM) levou esses eleitores à necessidade de mudança. Os que em/até 2008 (ou até 2009) votaram na FRELIMO insatisfeitos, mostram que eram leais ao partido e ao mesmo tempo não viam alternativa na oposição.

Com relação aos eleitores que votaram na FRELIMO em/até 2008 porque apoiavam, notamos que partilham o facto de mostrarem muito descontentamento com o desempenho deste partido a nível local e ao mesmo tempo a nível nacional, no decurso do último mandato. Este descontentamento é também provocado pelo facto de terem gostado muito da governação municipal no mandato anterior às eleições de 2008, com Eneias Comiche como presidente, e dizem não perceber porque não renovou o mandato. Este descontentamento provocado por muitos factores associa-se á avaliação positiva que fazem do desempenho do MDM, principalmente por onde governou e as suas lideranças a níveis local e nacional. Estes eleitores sentem que o MDM é suficientemente forte para ter vencido a eleição de 2013 e o apoiam,

limitando assim a teoria do voto de protesto em explicar o seu comportamento. De seguida passamos a interpretar a nossa evidência a luz da teoria do voto tático/estratégico.

6.7.2 Voto tático/estratégico

Mostramos no nosso quadro teórico que, o voto tático/estratégico é depositado por apoiantes de um partido que na percepção do eleitor, não tem chance de vencer a eleição em curso, muito menos de ficar em segundo lugar. O depositante deste tipo de voto é movido pelo desejo de ver o partido que mais detesta derrotado, votando num partido que não é de sua primeira preferência e/ou diferente do que votava a favor nas eleições anteriores, mas que do ponto de vista do eleitor, tem chance de vencer o partido mais detestado. Nestes termos, só é possível aplicá-la aos quatro eleitores que afirmaram que antes da criação do MDM votavam a favor da RENAMO, pelo facto de este partido não ter concorrido em 2013 e por isso não ter tido a chance de vencer a FRELIMO, muito menos de ficar em segundo lugar. Aplicaríamos também aos eleitores que antes votavam a favor de outros partidos da oposição, mas não os encontramos na nossa amostra.

Dito isto, é importante realçar que todos os quatro antigos eleitores da RENAMO queriam que o MDM ganhasse. Mais do que isso, eles sentiam que o partido tinha uma real chance de ganhar, o que pode ser usado como evidência parcial para confirmar a teoria do voto tático/estratégico. Entretanto, mais adiante, quando questionados sobre se, se a RENAMO tivesse concorrido, em quem teriam votado, três afirmaram que votariam igualmente no MDM apresentando diferentes razões para sua mudança¹⁰⁸. O remanescente (1) respondente afirmou que não teria uma escolha certa, pelo facto de não conseguir distinguir entre a RENAMO e o MDM.

As razões que os três respondentes que disseram que votariam igualmente no MDM usaram para sustentar a sua mudança, revelam que já não tem a RENAMO como a sua primeira preferência. E, por isso, embora o seu voto seja motivado por sentimentos negativos (contra a RENAMO e a FRELIMO, o que o voto estratégico também diz), o seu voto não é estratégico, mas sim expressivo. O eleitor que disse que não tinha nenhuma escolha certa entre os dois, revela que ainda acredita na RENAMO, sendo que o voto a favor do MDM é puramente estratégico, considerando ainda que mesmo tendo feito uma avaliação positiva da governação da FRELIMO a nível local, insistiu em dizer que “o que eu não quero mesmo é acreditar na FRELIMO”. Este

¹⁰⁸ Ver os argumentos dos eleitores na apresentação dos resultados

eleitor mostra um forte desgosto pela FRELIMO. Dito isto, notamos que a teoria de voto tático/estratégico, só explica na íntegra o comportamento deste último eleitor.

A teoria do voto tático/estratégico afirma que os eleitores que deixam de votar a favor do partido em que antes votavam, passando a votar a favor de um partido que julgam ter chance de derrotar o que mais detestam, continuam a ter o antigo partido como sua primeira preferência. Entretanto, notamos que se o partido a favor de que antes votavam tiver tido um comportamento reprovável por parte desses eleitores no decurso do mandato anterior, ao mesmo tempo que o partido a favor de que passam a votar tiver tido um desempenho aprovável no mesmo período, esses eleitores passam igualmente a ter este último como sua primeira preferência (não necessariamente).

Capítulo VII

7 Considerações finais

Neste capítulo, apresentamos considerações finais da nossa pesquisa. Começamos por apresentar as conclusões a que chegamos com a pesquisa e por fim fazemos alguns comentários sobre questões que a pesquisa nos trouxe fora do nosso objecto específico da pesquisa, e que julgamos que trariam contribuição relevante se fossem aprofundadas em futuras pesquisas.

7.1 Conclusões da pesquisa

O presente trabalho consistiu em procurar explicar o comportamento dos eleitores que em 2013 votaram a favor do MDM na cidade de Maputo, tendo em conta que os restantes partidos registaram perdas significativas de votos com relação a eleição autárquica anterior (2008). Enfoque especial foi dado aos eleitores que em 2008 tinham idade eleitoral. A forma como compreendemos o problema, levou-nos a levantar a hipótese de que esses eleitores mudaram de seu voto num curto período de menos de cinco anos, por sentimentos negativos com relação a um ou mais dos demais partidos¹⁰⁹. Esta hipótese tem como seu suporte teórico a teoria do voto negativo, que por sua vez subdivide-se em voto de protesto e voto estratégico/tático. Entretanto, recorreremos igualmente a teorias enquadradas no voto positivo para tentar dar uma explicação a este fenómeno.

Para testar a nossa hipótese, conduzimos entrevistas semi-estruturadas a vinte e cinco assumidos eleitores do MDM, nos quais procuramos perceber os diferentes contornos dos elementos que influenciaram a sua decisão de votar a favor deste partido. O método qualitativo, foi o que privilegiamos para recolher e analisar a informação.

As respostas que obtivemos trouxeram-nos evidência suficiente para confirmar parcialmente a hipótese, como também para refutá-la (o que em ciências sociais é recomendado). Encontramos também evidência que suscitou a aplicação de teorias alternativas já desenvolvidas por outros autores, dentre as quais podemos destacar a teoria do voto económico/racional (sociotropico vs *pocket book*), teoria dos efeitos de contexto e do voto personalista. A utilidade de teorias de voto

¹⁰⁹ Em termos de hipótese não podemos mencionar partidos específicos, dado que trata-se de uma questão subjectiva por parte dos eleitores, mas certamente referimo-nos a partidos concorrentes em 2013 e/ou 2008.

negativo e do voto positivo para explicar o mesmo fenómeno revelou-nos complementaridade entre ambas. Contudo, as teorias de voto de classe e do voto étnico foram refutadas, quase que por completo. Por fim, tendo em conta que o MDM não tinha cinco anos sequer no momento em que decorreram as eleições que estudamos nesta pesquisa, não foi possível testar de forma consistente a teoria de identificação partidária/lealdade partidária, pese embora tenhamos encontrado alguma evidência elementos a ela relacionados¹¹⁰. A teoria de identificação partidária negativa explica os motivos de não votar noutros partidos e não o voto a favor do MDM, pelo que não pudemos aplicá-la nesta pesquisa.

Do ponto de vista empírico, o campo da pesquisa nos forneceu elementos que a nível local (municipal) e/ou nacional estiveram a desfavor da FRELIMO, também da RENAMO e dos demais partidos (embora sem muita incidência para estes últimos).

Em termos de governação local, a avaliação negativa que grande parte dos eleitores faz da governação da FRELIMO e David Simango de 2008 a 2013, contou muito a desfavor dos mesmos. Em termos de elementos concretos que os eleitores apresentam pudemos destacar a recolha e o tratamento do lixo, a manutenção de estradas, promessas não cumpridas no geral, a comparação que fazem daquele mandato ao seu antecedente e a ideia de que o município só fornece alguns serviços com alguma qualidade às vésperas das eleições.

Embora tenham sido mencionados aspectos negativos da FRELIMO a nível local, os de a nível nacional parecem ter tido mais relevância. Pelo que, alguns dos respondentes afirmaram ter gostado da governação a nível local, mas que votaram contra o partido no poder tendo em conta o seu desempenho a nível nacional/central. Os aspectos mais destacados a esse nível são a forma como o governo/partido lidou com a tensão político-militar; o privilégio que o partido dá aos antigos combatentes (mais velhos) em detrimento dos mais jovens; promessas não cumpridas no geral; problemas individuais de alguns eleitores (como desemprego e más condições de trabalho), para além dos que têm uma forte identificação negativa pelo partido.

O sentimento negativo estende-se para os demais partidos, com maior destaque para a RENAMO (mesmo sem ter concorrido), que muitos eleitores a acusam das atrocidades durante a Guerra

¹¹⁰ O facto de maior parte dos respondentes ter tomado a decisão de votar a favor do MDM muito antes de conhecer os candidatos e da campanha começar, sinal de que predisuseram-se a votar neste partido antes de conhecer os programas políticos de diferentes partidos e grupos de cidadãos eleitores, muito menos os respectivos candidatos.

civil, outros associam-na á FRELIMO e a responsabilizam pela tensão político-militar, o distanciamento ou desaparecimento do líder do partido no espaço público, e; a expulsão de quadros seniores do partido. Os restantes partidos são classificados como não sérios no geral e sem nenhum programa político.

Entretanto, aspectos positivos a favor do MDM são também levantados, com o destaque para, o facto de o partido ser visto como jovem e com muitos quadros jovens; prometer a mudança; ter governado bem – na percepção dos eleitores – na Beira e em Quelimane; o carisma dos seus líderes (com destaque para Daviz Simango, Venâncio Mondlane e Manuel de Araújo), e; a confiança que os eleitores têm no partido no seu todo.

Para além de a pesquisa ter nos trazido elementos para suportar a ideia de que os eleitores do MDM depositaram um voto negativo, ao mesmo tempo que nos trouxe evidência que suportar a ideia contrária de que os eleitores ao mesmo tempo depositaram um voto positivo/sincero permitiu-nos colher alguns elementos inerentes ao contexto que estudamos, que tornaram as duas teorias enquadradas no voto negativo incapazes de explicar na íntegra o fenómeno. Ou seja, o que tornou essas teorias incapazes de explicar o fenómeno que nos propomos a estudar, não é o facto de os eleitores terem motivações negativas contra os demais partidos ao mesmo tempo que tem motivações positivas a favor do MDM em si.

A teoria do voto de protesto fica limitada de explicar o comportamento dos eleitores do MDM pelo facto de, por um lado, grande parte deles ter uma insatisfação com o partido FRELIMO por um período superior a um mandato e por isso não querem mais dar um voto de chamada de atenção, mas sim derrotar aquele partido que detestam e ver o MDM no poder, em que também acreditam. Por outro lado, os que ficaram insatisfeitos com o desempenho do partido no decurso do mandato anterior, a sua insatisfação é por vários factores ao mesmo tempo, dos quais a governação a nível local e a nível nacional, associada ao facto de não perceberem porque o edil precedente a David Simango não renovou o mandato quando – do ponto de vista dos eleitores – teve um desempenho muito positivo. Essa insatisfação está associada ao facto de verem a aspectos positivos suficientemente fortes para apoiar o MDM.

A teoria do voto estratégico por sua vez, fica limitada pelo facto de maior parte dos eleitores que o podiam ter depositado na nossa amostra, avaliar negativamente o desempenho do partido em

que antes votava (a RENAMO), ao mesmo tempo que avalia positivamente o desempenho do MDM durante o último mandato, e, por isso, passaram a ter este último como o partido da sua primeira preferência.

A nossa hipótese deixava-nos com a expectativa de encontrar respondentes que tivessem votado na FRELIMO, RENAMO, JPC e outros partidos, abstencionistas nas eleições anteriores e novos eleitores. Dos que votaram em/até 2008, no campo só encontramos os que votaram (ou teriam votado se não tivessem tido diferentes constrangimentos) na FRELIMO, RENAMO e uma respondente que depositou um voto em branco. O que não pode ser usado como evidência de que o MDM não tenha conseguido apoio antigos eleitores dos demais (fora da FRELIMO e RENAMO) partidos, mas sim de que esses eleitores devem ser em número bastante reduzido. E pelo facto de a nossa amostra ser reduzida, aumentou a probabilidade de não encontrá-los. Entretanto, também não deve ser descartada a hipótese de o MDM não ter conseguido nenhum desses eleitores.

7.2 Outros comentários e hipóteses para futuras pesquisas

7.2.1 A questão da fraude percebida pelos eleitores

Notou-se nesta pesquisa que quase metade dos respondentes (48%) não só esperava que o partido vencesse, como também tem uma crença forte de que só não venceu por causa da fraude perpetrada pela FRELIMO nos órgãos de gestão eleitoral. Por um lado, isto pode ser interpretado como sinal de grande apoio que o MDM tem desses eleitores. Mas, por outro lado, traz-nos elementos de reflexão sobre possível influência desse pensamento no futuro comportamento dos eleitores. Verdade ou não, essa crença, pode contribuir para elevar a abstenção no futuro. A evidência dessa probabilidade pode ser encontrada nas opiniões da entrevistada que de tanta decepção que teve pelo facto de o MDM não ter ganho e a percepção de que isso foi assim devido a fraude, revela que por ela não votaria nas próximas eleições.¹¹¹ O facto de terem sido autárquicas estimulou-lhe a votar, com a expectativa de que seria mais fácil vencer do que numa eleição nacional¹¹².

¹¹¹ Entrevistada 2. Entrevista concedida na Biblioteca Central Brazão Mazula, no bairro da Coop, Maputo, a 21/07/2014.

¹¹² Aliás, Chichava (2008) mostrava que a RENAMO perdeu muitos eleitores a favor da abstenção, movidos pela percepção que têm de que o seu voto não muda nada por causa da fraude eleitoral.

7.2.2 Votos em branco

Luís de Brito (1995; 2009) avança algumas propostas para a explicação dos votos nulos e dos votos em branco. Depois de notar que as taxas de votos nulos e brancos é mais alta nas zonas rurais (onde tem mais população analfabeta) do que nas zonas urbanas, este autor avança a proposta de que a principal explicação desse resultado é o nível de escolaridade. Deste modo, pressupõe-se que os depositantes deste tipo de voto não têm consciência de que não expressaram a sua vontade política na urna. Entretanto, tendo em conta que uma das nossas respondentes revelou que nas eleições anteriores as de 2013 depositava votos em branco por não ver nenhuma alternativa viável, mas que foi às urnas por uma questão de dever cívico.

Esta revelação mostra que pesquisas mais apuradas, precisam de ser feitas para descobrir as reais causas da deposição dos votos nulos e em branco. Isto revela que o depositante deste tipo de voto de forma deliberada, mesmo sem influenciar directamente o resultado, expressa algum tipo de vontade, que não deve ser incluída na “abstenção real” como De Brito (1995) propunha. Assim sendo, este tipo de eleitor atribui algum significado à sua acção, pelo que deve ser estudado.

7.2.3 Efeitos de campanha eleitoral na deposição do voto negativo

Embora a teoria de voto negativo não pode sozinha explicar o comportamento dos eleitores do MDM, ela dá seu contributo na explicação de quase todos os eleitores deste partido. Recordando-nos de Catt (1996:122) ao dizer que a maneira como os eleitores percebem a decisão de votar terá impacto na tática de campanha dos partidos concorrentes, o que significa que se um partido recebe uma proporção substancial de votos de eleitores negativamente motivados, precisam usar uma campanha negativa para lembrar os eleitores por que detestam o inimigo, julgamos oportuno que as futuras pesquisas dêem especial atenção a esse aspecto. Ou seja, procurar perceber até que ponto as mensagens que os partidos e candidatos utilizam no período de campanha, influenciam no voto negativo ou positivo dos respectivos eleitores.

7.2.4 A possibilidade de testar a teoria do voto de protesto noutros partidos

Atendendo e considerando que em Moçambique existem mais de trinta partidos políticos que concorrem em diferentes eleições regularmente, sem conseguir representação na Assembleia da República/provincial/municipal, seria oportuno procurar perceber em futuras pesquisas se, os eleitores que votam a favor destes, não estariam a fazer como forma de mostrar o seu

descontentamento com os principais partidos políticos. Ou seja, será que estes eleitores depositam um voto de protesto ou um voto expressivo/sincero?

8 Bibliografia

ABRAHAMSOHN, Paulo, *Redacção Científica*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 2004.

ANDERSON, Robert & HEARTH, Anthony, “Social Class and Voting: a multi-level analysis of individual and constituency differences”, CREST, *Working Paper* N° 83, September, 2000.

BOYD, Richard W., “Electoral Change and the Floating Voter: the Reagan elections”, *Political Behavior*, Agathon Press, Vol. 8, n° 3, 1986, pp. 230-244.

BRATTON, Michael & VAN DE WALLE, *Democratic Experiments in Africa: regime transition on comparative perspective*, New York, Cambridge University Press, 1997, pp. 194-232.

BRATTON, Michael, BHAVNANI, Rani, CHEN, Tse-Hsin, “Voting Intention in Africa: ethnic, economic or partisan?”, *Commonwealth & Comparative Politics*, London, 2012.

BURDEN, Barry C., “Minor Parties and Strategic Voting in Recent U.S. Presidential Elections”, *Electoral Studies* 24, USA, 2005, pp. 603-618.

CARBONE, Giovanni M., “Continuidade na Renovação? Ten Years of Multi party Politics in Mozambique: Roots, Evolution and Stabilization of Frelimo – Renamo Party System”, *The Journal of Modern African Studies*, Volume 43, 2005, pp.417 – 442.

CARBONE, Giovanni M., “Political Parties and Party Systems in Africa: Themes and Research Perspectives”, *World Political Science Review*, Volume 3, Issue 3, 2007.

CAROTHERS, Thomas, “The end of the Transition Paradigm”, *Journal of Democracy*, 2002, pp. 5-21.

CATT, Helena, *Electoral Behaviour: A Radical Critique*, London and New York, Leicester University Press, 1996.

CHICHAVA, “Movimento Democrático de Moçambique: Uma nova força política na democracia moçambicana?”, Maputo, *Cadernos IESE* N° 2, IESE, 2010.

CHICHAVA, Sérgio, “Por uma Leitura Sócio-histórica da Etnicidade em Moçambique”, *Conference Paper* N° 8, Maputo, IESE, 2008.

CHICHAVA, Sérgio, “Uma Província ‘Rebelde’: o significado do voto zambeziano a favor da RENAMO”, *Conference Paper* n° 08, Maputo, IESE, 2007.

CRISP, Rian F., OLIVELLA, Santiago, POTTER, Joshua D., MISHLER, William, “Elections as instruments of punishing bad representatives and selecting good ones” *Electoral Studies* 34, 2014, pp. 1-15.

DE BRITO, Luís, “O comportamento eleitoral nas primeiras eleições multipartidárias em Moçambique”, in Brazão Mazula (org), *Moçambique, eleições, democracia e desenvolvimento*, Maputo, 1995, pp. 473-499.

DE BRITO, Luís, “A Democracia à prova das Urnas: elementos para um programa de pesquisa sobre abstenção eleitoral em Moçambique”, Maputo, IESE, *Conference Paper* n° 3, 2007.

DE BRITO, Luís, PEREIRA, João Cândido G., DO ROSARIO, Domingos, MANUEL, Sandra F., *Formação do Voto e Comportamento Eleitoral dos Moçambicanos em 2004*, EISA, 2005.

DE BRITO, Luís, “Sobre os Votos Nulos”, Maputo, IESE, *IDeIAS* N° 8, 2009.

DE BRITO, Luís, “Uma nota sobre o Voto, Abstenção e Fraude em Moçambique”, Maputo, IESE, *Discussion Paper* n° 4, 2008.

DE VAUS, D.A, “What Is Research Design?”, *Research Design in Social Research*, London, SAGE, 2001, pp. 1-16.

DIAMOND, Larry, “Elections without Democracy: Thinking about Hybrid Regimes” *Journal of Democracy*, 13 n° 2, 2002, pp. 23-35.

DO ROSÁRIO, Domingos, “Alternância Eleitoral do Poder Local – Os Limites da Descentralização Democrática: o caso do Município da Ilha de Moçambique, 2003 – 2008”, WEIMAR, Bernhard (org), *Moçambique: Descentralizar o Centralismo? Economia Política, Recursos e Resultados*, Maputo, IESE, 2012, pp. 300-329.

DO ROSÁRIO, Domingos, “Descentralização em Contexto de Partido ‘Dominante’: o caso do município de Nacala Porto”, Luís de Brito, et al, *Desafios para Moçambique: 2011*, Maputo, IESE, 2011, pp. 55-90.

DOWNS, Anthony, *Uma Teoria Económica da Democracia*, São Paulo, EdUSP, 1999.

DUNLEAVY, Patrick & WARD, Hugh, “Economic Explanations of voting behaviour”, Patrick Dunleavy, *Democracy, Bureaucracy and Public Choice: Economic explanation in political science*, London, Prentice Hall, 1992, pp. 79-111.

FISHER, Stephen, “Extending the Rational Voter Theory of Tactical Voting”, CREST, *Working Paper* N° 94, 2001.

FORQUILHA, Salvador Cadete & ORRE, Oslak, “Transformações sem Mudanças: os concelhos locais e os desafios da institucionalização democrática em Moçambique”, Luís de Brito, et al, *Desafios para Moçambique: 2011*, Maputo, IESE, 2011, pp. 35-53.

FREDÉN, Annika, *Tactical Voting: a study of voters’ tactical considerations in the 2010 Swedish general election*, 2011. (tese de mestrado em ciência política, pela Universidade de Gothenburg).

FREIRE, André, *Modelos do Comportamento eleitoral: Uma Breve Introdução Crítica*, Oeiras, Celta Editora, 2001.

GERRING, John, “Case Selection for Case-study Analysis: qualitative and quantitative techniques”, William Nylen & Bernard Mary, *The Oxford Handbook of Political Methodology*, New York, Oxford University, 2008, pp 645-684.

GIL, António Carlos, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo, Atlas, 2008.

GORZIA, Diego, “The Personalization of Politics in Western Democracies: Causes and Consequences on Leader-follower Relationships”, *The Leadership Quarterly* 22, 2011, pp. 697-709.

GSCHWEND, Thomas & SCHIMMELFENNING, Frank, “Introduction: Designing Research in Political Science – a dialogue between theory and data”, 2007.

HALL, M., & YOUNG, T., “Recent Constitutional Development in Mozambique”, *Recent Constitutional Development in Africa*, Journal of African Law, Volume 35, nº ½, 1991, pp. 102-115.

HANLON, Joseph (ed), “Eleicoes Autarquicas 2013”, *Boletim sobre o Processo Político em Mocambique*, Nº EA 49, CIP-AWEPA, 20 de Novembro de 2013. Disponível em www.cip.org.mz/election2013 (acessado a 7 de Dezembro de 2013).

HANLON, Joseph (ed), “Eleicoes Autarquicas 2013”, *Boletim sobre o Processo Político em Mocambique*, Nº EA 19, CIP-AWEPA, 5 de Junho de 2013. Disponível em www.cip.org.mz/election2013 (acessado a 7 de Dezembro de 2013).

HANLON, Joseph (ed), “Mozambique’s Unarmed Opposition”, *Mozambique Peace Process*, Amsterdam, AWEPA, October, 1993. Disponível em <http://www.open.ac.uk/technology/mozambique/sites/www.open.ac.uk.technology.mozambique/files/pics/d75951.pdf>. (acessado 20 de Abril de 2014).

HERRMANN, Michael & PAPPI, Franz Urban, “Strategic Voting in Germany Constituencies”, in *Electoral Studies* 27, Mannheim, 2008, pp. 228-244.

HEYWOOD, Andrew, *Politics*, New York, Palgrave Macmillan, 2007.

HUNTINGTON, Samuel, *A Terceira Onda: a democratização no final do século XX*, São Paulo, Editora Ática, 1994.

IRWIN, Galen A. & HOLSTEYN, Joop J. M., “Strategical Electoral Considerations under Proportional Representation” in *Electoral Studies* 31, Leiden (Netherland), 2012, pp. 184-191.

JACKSON, Robert J. & JACKSON, Dorren, *A Comparative Introduction to political Science*, Up Saddle River, Prentice-Hall, 1997.

JENSEN, Anders Todal & AALBERG, Toril, “Party-Leader Effects in Norway: a multi-methods approach”, *Electoral Studies* 25, 2006, pp. 248-269.

JOHNSON, M., SHIVELY, W. Philips & STEIN, R.M, “Contextual data and the Study of Elections and Voting Behavior: connecting individuals to environments”, *Electoral Studies* 21, 2002, pp. 219-233.

JOHNSTON, Larry, *From Votes to Seats: Four Families of Electoral Systems: proportional representation, majority, plurality and mixed*, Citizen’s Assembly on Electoral Reform (dir), s/d. Disponível em www.citizenassembly.gov.on.ca (acessado a 23 de Março de 2012).

KEULDER, Christiaan “Voting Behaviour in Namibia”, KEULDER, Christiaan, *State, Society and Democracy: A Reader in Namibian Politics*, Windhoek, Konrad Adenauer Stiftung & individual authors, 2010, pp. 264-296.

KSELMAN, Daniel & NIOU, Emerson, “Protest Voting in Multiparty Elections: A Theory of Voter Signaling”, *Public Choice*, 2011, pp. 395–418.

KSELMAN, Daniel & NIOU, Emerson, *Strategic Vote in Plurality Elections*, Duke University Manuscript, 2007.

LANDMAN, Todd, *Issues and Methods in Comparative Politics: an introduction*, London and New York, Routledge, 2000.

LEVITSKY, Steven & WAY, Lucan A., “Beyond Patronage: Violent Struggle, Ruling Party Cohesion, and Authoritarian Durability”, *Perspectives on Politics*, V.10/4, Dec. 2012, pp. 869-89.

LEVITSKY, Steven & WAY, Lucan A., “Elections without Democracy: The rise of competitive authoritarianism”, *Journal of Democracy*, Vol. 13, nº 13, April, 2002, pp.51-65.

LIPSET, Seymour M. & ROKKAN, Stein, *Party Systems and Voter Alignments: cross-national perspectives*, New York, The Free Press, London, Collier-Macmillan, 1967.

LUNDIN, Iraê, “Partidos Políticos: a leitura da vertente étnico-regional no processo democrático”, Brazão MAZULA (org), *Eleições, democracia, desenvolvimento*, Maputo, Embaixada dos Países Baixos, 1995, pp. 423-472.

LYNCH, Gabrielle & CRAWFORD, Gordon, “Democratization in Africa 1990-2010, an assessment”, London, *Democratization*”, 2011, pp. 275-310.

MACUANE, José Jaime, “Reforma, Contestação Eleitoral e Consolidação da Democracia em Moçambique”, *Economia, Política, Desenvolvimento*, Maputo, Revista Científica Inter-Universitária, CAP, Vol. 1, nº 3, Setembro, 2010, pp. 113-131.

MAINWARING, Scott & TORCAL, Mariano, “Teoria e institucionalização dos sistemas partidários após a terceira onda de democratização”, *Opinião Pública*, Campinas, vol. XI, nº 2, Outubro, 2005, pp. 249-286.

MYATT, David P., *A Theory of Protest Voting*, London, NW1 4SA, 2012.

NEZI, Roula, “Economic Voting under Economic Crisis: Evidence from Greece”, *Electoral Studies*, 2012, pp. 498-505.

NUVUNGA, Adriano & ADALIMA, José, *Mozambique Democratic Movement (MDM): an analysis of a new opposition party in Mozambique*, in *Studies on Political Parties and Democracy*, FES, 2011.

NUVUNGA, Adriano, “Política de Eleições em Moçambique: As experiências de Angoche e Nicoadala”, Luís de Brito et al, (org), *Desafios para Moçambique 2012*, Maputo, IESE, 2013, pp. 39-54.

NUVUNGA, Adriano, “Tendências nas eleições municipais de 1998, 2003 e 2008” 2012 Bernhard Weimar (org), *Moçambique: Descentralizar o Centralismo? Economia Política, Recursos e Resultados*, Maputo, IESE, 2012, pp. 281-299.

OSISA, *Moçambique: Democracia e Participação Política*, AfriMAP & OSISA, 2009.

PEREIRA, João C. G., “«Antes o ‘diabo’ conhecido do que um ‘anjo’ desconhecido»: as limitações do voto económico na reeleição do partido FRELIMO”, *Análise social*, Vol. XLIII (2.º), 2008, pp. 419-442.

PEREIRA, João C. G., “Onde é que os Eleitores Moçambicanos Adquirem Informações Políticas”, Maputo, IESE, *Conference Paper* Nº 30, 2007.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1992.

RAKNER, Lise & VAN DE WALLE, Nicolas, “Democratization by Elections?: opposition weakness in Africa”, *Journal of Democracy*, National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press, Vol. 20, nº 3, 2009, pp. 108-122.

REZENDE, Flávio da Cunha, “Razões Emergentes para a Validade dos Estudos de Caso na Ciência Política Comparada,” *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 6, Julho – Dez., 2011, pp. 297-337.

RONNING, Helge, *Democracies, Autocracies or Partocracies? Reflections on What happened when Liberation Movements were transformed to Ruling Parties, and Pro-Democracy Movements Conquered Government*, Maputo, IESE & CMI (org), 2010 (Paper for the Conference Election Processes, Liberation Movements and Democratic Change in Africa).

ROSE, Richard & MISHLER, William, “Negative and Positive Party Identification in Post-Communist Countries, *Electoral Studies*, Vol. 17, nº 2, 1998, pp. 217-234.

SANDERS, David, “Party Identification, Economic Perceptions, in British General Elections, 1979-1997, *Electoral Studies* 22, 2003, pp. 239-263.

SARTORI, Giovanni, *Engenharia Constitucional: como mudam as constituições*, Brasília, UnB, 1996.

SEAWRIGHT, Janson & GERRING, John, “Case Selection Techniques in Case Study Research: a menu of a qualitative and quantitative options”, *Political Research Quarterly*, Vol. 61, nº 2, SAGE Publications, 2008, pp. 294-310.

SOUTHWELL, Priscilla Lewis & EVEREST, Marcy Jean, “The Electoral Consequences of Alienation: nonvoting and protest voting in the 1992 presidential race”, *The Social Science Journal*, Vol. 35, nº 1, JAI Press, 1998, pp. 43-51.

STAE (Secretariado Técnico de Administração Eleitoral), *Eleições Autárquicas 2003*, STAE (ed), 2006.

TANSEY, Oisín, “Process Tracing and Elite Interviewing: A Case for Non-probability Sampling”, *Political Science and Politics*, Volume No. 40, October, 2007.

VAN DE BRUG, Wouter Van Der, FENNEMA, Meindert & TILLIE, Jean, “Anti-immigrant Parties in Europe: Ideological or Protest Vote?”, *European Journal of Political Research* 37, 2000, pp. 77–102.

VELASQUEZ, Gabriela, *A protest vote for change: A minor field study about the electorate behind a new political party in Mozambique*, 2011. (Master Thesis, Uppsala University).

8.1 Outros documentos e sites consultados na internet

AR (Assembleia da República), Constituição da República de Moçambique, 2004. Disponível em: <http://www.cconstitucional.org.mz/Lesgislacao/Constituicao-da-Republica>, acessado a 7 de Junho de 2014.

CC (Concelho Constitucional), Acórdão nº 4/CC/2014 de 22 de Janeiro, *atinente á validação e proclamação dos resultados das Eleições dos Órgãos das Autarquias Locais de 2013*. Disponível em: <http://www.cconstitucional.org.mz/Jurisprudencia/04-CC-2014>, acessado a 12 de Fevereiro de 2014.

CC (Concelho Constitucional), Acórdão nº 5/CC/2014, Processo nº2/CC/2014, de 26 de Fevereiro, *Validação e Proclamação dos Resultados da Eleições Autárquicas no Município de Gurúè*. Disponível em: <http://www.cconstitucional.org.mz/Jurisprudencia/04-CC-2014>, acessado a 6 de Abril de 2014.

STAE (Secretariado Técnico de Administração Eleitoral), *Resultados: Eleições Autárquicas*. Disponível em www.stae.org.mz, acessado a 27 de Novembro de 2013.

8.2 Comunicado

República de Moçambique, Secretariado do Conselho de Ministros, *aos Órgãos de Informação*, 39ª Secção Ordinária, Maputo, 26 de Novembro de 2013.

8.3 Boletins da Republica

BR, I Série, número 32, Suplemento, Acórdão do Tribunal Supremo, *publica o apuramento geral e os respectivos mapas finais dos resultados das eleições autárquicas*, 17 de Agosto de 1998.

BR, I Série, nº 16, Suplemento, Lei nº 7/2013, *Estabelece o Quadro Jurídico para a Eleição do Presidente do Concelho Municipal e para a Eleição de Membro da Assembleia Municipal ou da Povoação, e Revoga a lei 18/2007, de 18 de Julho, relativa á Eleição dos Órgãos das Autarquias Locais*, de 22 de Fevereiro de 2013.

BR, I Série, nº 44, Suplemento, *Aprova a Constituição da Republica de Moçambique*, Imprensa Nacional de Moçambique, de 2 Novembro, 1990.

BR, I Série, nº 8, 2º Suplemento, Acórdão nº 4/CC/2014 de 22 de Janeiro, *atinente à validação e proclamação dos resultados das Eleições dos Órgãos das Autarquias Locais de 2013*, Imprensa Nacional de Moçambique, E.P., Maputo, 27 de Janeiro de 2014.

BR, I Série, número 40, Suplemento, Lei nº 13/92, *Aprova o Acordo Geral de Paz*, de 14 de Outubro de 1992.

BR nº 44, I Série, Suplemento, Lei nº 11/2013, *Cria Dez Novos Municipios*, de 3 de Junho de 2013.

9 Apêndices

9.1 Apêndice 1 – Guião das entrevistas

Importa referir que no terreno muitas vezes não seguimos a ordem de perguntas que aqui estabelecemos. Em alguns casos não foi possível fazer todas as perguntas que aqui colocamos e algumas perguntas foram acrescentadas no terreno, de acordo com as respostas que os respondentes iam dando. Algumas perguntas por exemplo precisavam de respeitar em quem o eleitor tinha votado nas eleições anteriores, a idade que tem, entre outros aspectos.

Depois de ter identificado o entrevistado, ter se assumido como eleitor do MDM e aceitar conceder a entrevista, conduziu-se-lhe uma entrevista com o seguinte guião:

Dados do perfil: sexo; idade; nível de escolaridade; sector de trabalho (publico/privado);

1. Por que votou no MDM?
 - *Esta pergunta é central, a medida que nos permite adquirir informação para testar a hipótese de se tratar de um voto negativo ou positivo. Ajuda também perceber se o raciocínio do eleitor é mais sócio trópico ou pocket book? Entre outras teorias.*
2. Que avaliação faz da governação municipal nos últimos cinco anos? Acha que o MDM faria melhor? Considerou isso ao votar em 2013?
 - *A resposta desta pergunta complementa os objectivos da anterior, e vai mais ao fundo, para buscar as possibilidades de se tratar de voto racional. Buscamos também aspectos concretos que os eleitores levaram em consideração para fazer as suas avaliações.*
3. Em quem votava em eleições autárquicas anteriores (1998, 2003 e/ou 2008)? (para a respondente que esteve de viagem a altura das eleições em 2008 e a que não votou por ter perdido ‘acidentalmente’ os seus documentos de identificação, perguntou-se em quem teria votado, se tal não tivesse havido constrangimento?)
4. Por que mudou de seu voto em 2013, com relação as eleições anteriores?
 - *As perguntas 3 e 4 complementam-se. Tratando se de voto negativo, ajuda a perceber contra que foi depositado.*
5. Nestas eleições, o MDM tinha ou não chances de ganhar? Por quê? Será que isso influenciou a sua decisão de votar nele?

- *(depois de se perceber se depositou um voto negativo) ao responder a pergunta, nestas eleições, o MDM tinha ou não chances de ganhar? Por quê? Será que isso influenciou a sua decisão de votar nele? Testar-se-á se o respondente depositou um voto protesto ou estratégico.*
- 6. Tem conversado sobre política com outras pessoas? Em que meio? (no seio familiar, com colegas do serviço/escola, na rua, com amigos). E nesse meio, que peso acha que o MDM tem.
- *Nesta pergunta entra em cena a questão dos efeitos do contexto social em que os eleitores estão inseridos.*
- 7. Quando é que tomou a decisão de votar no MDM? Por quê?
- *Percebemos com esta pergunta, até que ponto o eleitor é flutuante.*
- 8. O que acha do candidato do MDM na cidade de Maputo. Da liderança nacional do MDM? E do partido em quem votava nas eleições anteriores? Tomou isso em consideração ao votar?
- *Provocamos o eleitor a nos revelar se depositou um voto personalista ou não.*
- 9. Existe algum partido político ao qual acha que nunca votaria?
- *Exploramos aqui a possibilidade de haver uma identificação partidária negativa com relação a algum partido, por parte dos eleitores.*

9.2 Apêndice 1 – Quadro ilustrativo do perfil dos entrevistados

Nº	Data	Duração (minutos)	Distrito municipal	Sexo	Idade	Nível de escolaridade	Trabalho
1	21/07/14	32	Ka Mpfumo	M	31	Licenciatura	Est.
2	21/07/14	12	Ka Mpfumo	F	23	Médio	Est./Trab. (privado)
3	21/07/14	16	Ka Mpfumo	M	26	Licenciatura	Est.
4	22/07/14	13	Ka Mpfumo	M	23	Licenciatura	Est.
5	22/07/14	12	Ka Mpfumo	M	24	Licenciatura	Est.
6	22/07/14	9	Ka Mpfumo	M	31	9ª Classe	Trab. (privado)
7	22/07/14	15	Ka Mpfumo	F	27	Médio	Trab. (privado)
8	26/07/14	7	Ka Mpfumo	F	45	Licenciatura	Est. Trab. (público)
9	22/07/14	10	Ka Mpfumo	M	44	Médio	Trab. (privado)
10	22/07/14	16	Ka Mpfumo	M	25	Licenciatura	Est.
11	24/07/14	8	Ka Mpfumo	F	38	Licenciatura	Est. Trab. (público)
12	24/07/14	8	Ka Mpfumo	M	30	Médio	Trab. (privado)
13	24/07/14	12	Ka Mpfumo	F	29	Básico	Trab. (privado)
14	25/07/14	24	Ka Lhamankulo	M	25	Licenciatura	Est.
15	25/07/14	6	Ka Lhamankulo	F	60	4ª Classe	Est.
16	25/07/14	10	Ka Lhamankulo	F	28	Básico	Trab. (privado)
17	26/07/14	17	Ka Lhamankulo	M	42	Médio	Trab. (público)
18	26/07/14	12	Ka Lhamankulo	M	23	Licenciatura	Est. Trab. (privado)
19	26/07/14	11	Ka Lhamankulo	M	23	Médio	Est. Trab. (privado)
20	26/07/14	9	Ka Lhamankulo	M	41	Licenciatura	Trab. (privado)
21	26/07/14	4	Ka Lhamankulo	M	32	7ª Classe	Trab. (privado)
22	28/07/14	9	Ka Lhamankulo	F	26	Licenciatura	Tra. (privado)
23	29/07/14	9	Ka Lhamankulo	F	28	Médio	Trab. (privado)
24	29/07/14	15	Ka Lhamankulo	M	36	Médio	Trab. (privado)
25	29/07/14	7	Ka Lhamankulo	M	41	7ª Classe	Tra. (privado)

Abreviaturas

Nº = Número do entrevistado

Est. = Estudante do nível indicado

Trab. = Trabalhador

9.3 Apêndice 2 – Quadro resumo dos resultados das eleições autárquicas de 1998-2013 na Cidade de Maputo.

Ano		Frelimo	Renamo	JPC	MDM	Total de eleitores inscritos	Número de votantes	Número de abstenções
1998	Votos	44798	—	16217	—	509021	66878	442143
	%	70,3862	—	25,800	—	100	13,14	86,86
	Mandatos	42	—	15	—			
2003		95631	16026	10083	—	605529	125661	476658
	%	76,11	12,75	8,02	—	100		78,72
	Mandatos	48	8	5	—			
2008		253940	33518	9862	—	661034	314758	346276
	%	83,78	11,09	3,26	—	100	47,62	52,38
	Mandatos							
2013		168138	—	4093	120807	614671	308816	305855
	%	56,4	—	1,37	40,53	100	50,24	49,76
	Mandatos	37	—		27			

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados de Stae, 2006; BR N 1, Serie 32, 1998; Acórdão nº 4/CC/2014; e www.cne.org.mz

9.4 Apêndice 4 – Quadro dos resultados agregados por distrito municipal nas eleições autárquicas de 2013

Distrito municipal	Eleitores inscritos	Votantes	Abstenção	FRELIMO	MDM
Ka Mpfhumo	70.953	45.426	25.527	43,53%	50,5%
Ka Lhamankulo	87.579	43.445	44.134	55,8%	39,4%
Ka Mavota	166.977	80.440	86.536	60,5%	35%
Ka Nyaka	3071	2604	467	90%	5,6%
*Ka Maxakene	170.117	----	----	21.029	11.022
Ka Tembe	----	----	----	----	----
Ka Mubukwane	----	----	----	----	

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados do STAE¹¹³ e do “Jornal Notícias”.

*Dados preliminares publicados no “jornal notícias”, pelo facto de não termos tido acesso através do STAE.

¹¹³ Importa referir que o STAE não aceitou nos fornecer os documentos que contem esta informação, sob alegação de se tratar de “Segredo do Estado”, sendo que o agente que nos disponibilizou esta informação ditou, apenas nos distritos municipais que achou conveniente.